

**Universidade Federal de Juiz de Fora**  
**Pós-Graduação em Ciência da Religião**  
**Mestrado em Ciência da Religião**

**Fernanda de Araújo Melo**

**AS CIFRAS DA TRANSCENDÊNCIA NA FILOSOFIA DE KARL JASPERS**

**Juiz de Fora**

**2009**

Fernanda de Araújo Melo

**As cifras da transcendência na filosofia de Karl Jaspers**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Ciência da Religião, área de concentração: Filosofia da Religião, da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção de grau de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Luís Henrique Dreher

Juiz de Fora

2009

Fernanda de Araújo Melo

**As cifras da transcendência na filosofia de Karl Jaspers**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Ciência da Religião, Área de Concentração em Filosofia da Religião, do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção de título de mestre em Ciência da Religião.

Aprovada em 18 de agosto de 2009

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Luís Henrique Dreher – Orientador  
Universidade Federal de Juiz de Fora

---

Prof. Dr. Eduardo Gross  
Universidade Federal de Juiz de Fora

---

Prof. Dr. Gerson Brea  
Universidade de Brasília

**À minha maior inspiração Maria Flor**

**Criando todas as coisas, ele entrou em tudo. Entrando em todas as coisas, tornou-se o que tem forma e o que é informe; tornou-se o que pode ser definido; e o que não pode ser definido; tornou-se o que tem apoio e o que não tem apoio; tornou-se o que é grosseiro e o que é sutil. Tornou-se toda espécie de coisas: por isso os sábios chamam-no o que é real.**

**(Brihadâraryaka Upanishad)**

## **AGRADECIMENTOS**

Ao meu orientador pela oportunidade de crescimento acadêmico e pessoal, pelo incentivo que foi determinante nesse processo, pelas palavras esclarecedoras e, sobretudo, pela compreensão das minhas limitações.

A minha mãe que me ensinou, com sua sabedoria adquirida em lugares outros, o que Jaspers me mostrou em sua filosofia: ‘a capacidade inerente ao ser humano de superar-se no confronto com situações-limite’. E ao meu pai pelo apoio e incentivo incondicional.

Aos amigos que, com grandiosos gestos, me incentivaram e me apoiaram.

A todos aqueles que indiretamente, mas efetivamente me ajudaram nessa travessia.

*A Universidade Federal de Juiz de Fora.*

Ao órgão financiador do projeto, CAPES.

## RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo principal obter uma compreensão das cifras da transcendência no pensamento de Karl Jaspers. Contudo, essa investigação mostra-se determinante para se pensar também em que medida a sua filosofia da existência poderia ser chamada de filosofia da transcendência. Pode-se dizer que a reflexão que o nosso autor estabelece em torno da existência humana possibilita a abertura para a transcendência no momento em que vincula a existência ao horizonte do fracasso e da sua conseqüente superação. Perceba que é no embate com essas situações-limite que se dá o ‘ocorrer’ da transcendência na forma de ‘sinais cifrados’. Isso evidencia, portanto, que o percurso estabelecido por Jaspers em sua fundamentação da especificidade da ‘condição humana’ culmina no âmbito da transcendência. Sob esta ótica, quer-se crer que esta pesquisa contribui, efetivamente, para se pensar como Jaspers estabelece a relação entre a existência e a transcendência, e, indo mais além, como se fundamenta o estatuto de sua filosofia da transcendência.

Palavras-chave: Existência (*Existenz*). O envolvente (*das Umgreifende*). Transcendência (*Transzendenz*). Cifras (*Chiffren*).

## **ABSTRACT**

This thesis aims at understanding the “ciphers of transcendence” in Karl Jasper’s thought. We believe, however, that this investigation can be decisive to think how his philosophy of existence could also be called a philosophy of transcendence. We could say that the reflection that our author establishes around human existence makes possible an opening for transcendence when he connects existence to the horizon at failure and its consequent overcoming. One can observe it is in the confrontation with these extreme moments that transcendence occurs through “ciphered signs”. Therefore, that the way established by Jaspers in his grounding of the specific human condition ends up, in a decisive manner, in a sphere of transcendence. Under this aspect, we think this research contributes to understand how Jaspers establishes the connection between existence and transcendence and, furthermore, how he construes the statute of his philosophy of transcendence.

**Keywords:** Existence. The Encompassing. Transcendence. Ciphers.



## SUMÁRIO

|  |    |
|--|----|
| <b>INTRODUÇÃO</b> .....  | 1  |
| <b>CAPÍTULO 1: A FILOSOFIA DA EXISTÊNCIA DE KARL JASPERS</b> ..... | 8  |
| 1.1 – <i>Existenzphilosophie</i> .....                             | 8  |
| 1.2 – <i>Existenz e Dasein</i> .....                               | 12 |
| 1.3 – O Esclarecimento da Existência .....                         | 15 |
| <b>CAPÍTULO 2 – A TRANSCENDÊNCIA NO PENSAMENTO JASPERIANO</b> .... | 18 |
| 2.1 – O envolvente.....  | 18 |
| 2.2 – Os modos do envolvente .....                                 | 20 |
| 2.3 – As situações-limite .....                                    | 24 |
| 2.4 – O significado de transcendência.....                         | 27 |
| <b>CAPÍTULO 3 – AS CIFRAS DA TRANSCENDÊNCIA</b> .....              | 32 |
| 3.1 – O conteúdo das cifras .....                                  | 32 |
| 3.2 – A estrutura das cifras .....                                 | 36 |
| 3.3– Linguagem cifradas da transcendência.....                     | 40 |
| <b>CONCLUSÃO</b> .....   | 44 |
| <b>REFERÊNCIAS</b> .....   | 47 |

## INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como objetivo investigar as cifras da transcendência a partir dos escritos de Karl Jaspers que, como tema de sua filosofia, privilegia a existência humana. Na visão do filósofo, somente a existência situada na transcendência poderá almejar decifrar os sinais cifrados da transcendência. Assumimos, portanto, como marco teórico de nossa investigação a filosofia da existência de Jaspers, que se encontra expressa principalmente nas seguintes obras: *Filosofia da existência*, *Iniciação filosófica*, *Introdução ao pensamento filosófico*, *Razão e contra razão no nosso tempo* e, de forma introdutória, na obra *Psicologia das concepções do mundo*<sup>1</sup>.

Estabelecemos também um diálogo determinante com as suas obras posteriores, que caracterizam, por assim dizer, um outro momento da sua produção filosófica por tratarem prioritariamente dos elementos relacionados com a transcendência. São elas: *A fé filosófica diante da revelação*, *Cifras da transcendência* e *A fé filosófica*<sup>2</sup>. Esta última obra reproduz na íntegra o manuscrito que serviu de base para Jaspers nas conferências que pronunciou na Universidade de Basileia em julho de 1947 a pedido da Fundação Acadêmica Livre e da Faculdade de História e de Filosofia. É, pois, a partir do confronto com esse referencial teórico que buscaremos alcançar uma compreensão das cifras da transcendência na filosofia de Karl Jaspers.

Contudo, é importante salientar que partimos do pressuposto de que a sua filosofia se desenvolve em três etapas inter-dependentes: a orientação no mundo, o esclarecimento da existência e a transcendência. Estas etapas não estão claramente delimitadas no interior da sua filosofia, porém, é possível vislumbrar que a sua investigação em torno da existência humana avança sobre essas três dimensões. Tal desdobramento se evidencia, principalmente, na medida em que Jaspers investiga o homem sob duas oculares distintas, mas complementares: como existente empírico e como existência possível. No primeiro caso, pauta-se na análise do homem enquanto objeto no mundo. Com isso, tece o primeiro momento de sua investigação filosófica, a saber, o conhecimento da existência humana enquanto ‘presença’ objetiva no

---

<sup>1</sup> JASPERS, Karl. *Existenzphilosophie*. Berlim: de Gruyter, 1938; *Einführung in die Philosophie*. Zurich: Piper, 1950; *Kleine schule des philosophischen denkens*. München: Piper, 1965; *Vernunft und Existenz*. Groningen: Wolters, 1935; *Psychologie der Weltanschauungen*. Berlin: Springer, 1919.

<sup>2</sup> JASPERS, Karl. *Der philosophische Glaube angesichts der christlichen Offenbarung*. Munich: Piper, 1962; *Chiffren der Transzendenz*, 1961; *Der philosophische Glaube*, 1947.

mundo.

O segundo momento de sua investigação filosófica apresenta como eixo fundamental o esclarecimento da existência possível. Nesse nível, procurar analisar ‘aquela’ existência que é subjetividade única, particular e, assim, irreduzível a generalidades e conceitos universais. Como pontua o filósofo na seguinte passagem do texto *Balance y perspectiva*: “No filosofar, a existência não é uma espécie de um determinado ser empírico entre outros seres empíricos, mas, antes, se esclarece a si mesma como um ser único, aberto a tudo, como a suma possibilidade” (JASPERS, 1953, p.266)<sup>3</sup>. Dessa forma, afirma a importância de pensar a existência humana não somente enquanto objeto no mundo, mas também enquanto ‘existência possível’.

De forma seqüencial e, não por acaso, estabelece a terceira etapa de sua investigação, que se pauta na relação entre a existência possível e a transcendência. O momento é oportuno porque somente para a existência aberta para as diversas possibilidades de ser no mundo se dá o ‘ocorrer’ da transcendência. Tal desdobramento permite, por sua vez, vislumbrar o caminho que Jaspers percorre de sua filosofia da existência para a sua posterior filosofia da transcendência.

Entendemos que para esclarecer o âmbito das cifras faz-se necessário delimitar esta três etapas. Ora, as cifras se estabelecem como ‘intermediárias’ na relação entre a existência e a transcendência. Estabelecer, portanto, uma interpretação/compreensão das cifras pressupõe o esclarecimento prévio do que vem a ser a existência empírica, a existência possível e a transcendência para Jaspers. É, pois, com base nisso que estruturamos a ordem dos capítulos dessa dissertação.

Pretende-se pontuar no primeiro capítulo como se estabelece a sua filosofia da existência, ou seja, sob que base é estrutura e quais as influências que demarcaram a sua fundamentação teórica. Com isso, busca-se também esclarecer os conceitos-chave que compõem o pensamento ‘existencial’ do filósofo. O segundo capítulo trata-se dos elementos que compõem a sua ‘filosofia da transcendência’. Nesse momento, assumimos como ponto de partida o significado do ‘envolvente’ e seus modos de manifestação. Esta investigação mostra-se decisiva para a devida compreensão da transcendência.

No tópico subsequente, busca-se delimitar as ‘situações’ que colocam o existente em confronto com as suas limitações. Segundo Jaspers, ‘assumir’ esse confronto, sem fugir e sem

---

<sup>3</sup> JASPERS, Karl. *Balance y perspectiva: discursos y ensayos*. In: *Mi camino a la filosofia*. Madrid: Revista de Occidente, 1953. Tradução nossa.

negar, coloca o existente em condição de abertura para a transcendência. Nesse cenário, busca-se compreender em que sentido Jaspers fala de ‘experiência da transcendência’(JASPERS, 1961, p.71)<sup>4</sup>. Interpretar e compreender as cifras constitui o objetivo central e capítulo conclusivo dessa pesquisa.

É importante salientar que delimitar o âmbito das cifras da transcendência no pensamento jasperiano surgiu como um desafio, pois percebemos a necessidade de pensar algo que, por definição, não pode ser objetivado. Isso porque, na concepção de Jaspers, o caráter existencial das cifras se perde na generalidade dos conceitos. Segundo ele, é importante realizar um ‘salto’ das considerações e da apropriação do saber das cifras para uma possível ‘vivência’ delas.

Percebemos com isso que ‘esclarecer’ as cifras da transcendência requer, sobretudo, adentrar num processo de investigação que pressupõe o seu aspecto existencial. Mas tal necessidade não seria situar na substância mesma do pensamento filosófico jasperiano? Ora, uma das características singulares da concepção filosófica de Jaspers é a convicção de que a filosofia deve ter sempre uma referência à *práxis*. Porém, não se deve pensar numa *práxis* tal como a da ciência, que se concentra na aplicabilidade de conhecimentos e na sua conseqüente utilização técnica. Segundo Jaspers, o pensamento filosófico que se baseia na *práxis* é aquele que se realiza como uma ação interior, ou seja, como “atividade do ser mesmo” (JASPERS, 1953, p. 253)<sup>5</sup>. Como explica na obra *Balance y perspectiva*:

A filosofia já não era o conhecimento de uma imagem do mundo, também não era o conhecimento dos sistemas e das obras doutrinárias da história da filosofia. Para mim, a filosofia se desenvolve ao me deixar afetado, suspenso e perplexo pela vida mesma. O pensamento filosófico é *práxis*, mas uma *práxis* peculiar (JASPERS, 1953, p.252)<sup>6</sup>.

Isso mostra que a *práxis* filosófica encontra-se diretamente vinculada à realização de uma atividade interna do existente na busca pelo esclarecimento das coisas. Trata-se, portanto, de situar, adentrar, nas questões fundamentais que envolvem a existência humana e estabelecer, frente a elas, as próprias conclusões. O que possibilita, por sua vez, uma investigação que não se fixa num saber puramente formal das coisas. É, pois, nesse sentido que devemos pensar numa ‘vivência’ das cifras: uma busca pelo esclarecimento das cifras,

---

<sup>4</sup> JASPERS, Karl. *Filosofia de la existencia*. Madrid: Aguilar, 1961. Tradução nossa.

<sup>5</sup> JASPERS, Karl. *Balance y perspectiva: discursos y ensayos*. In: *Mi camino a la filosofia*. Madrid: Revista de Occidente, 1953. Tradução nossa.

<sup>6</sup> Ibid. Tradução nossa.

que requer, sobretudo, submeter-se a uma ‘reflexão ativa’ e a um questionamento radical. Como salienta o nosso autor:

Quando começa a refletir, o homem toma consciência de que não dispõe de certeza e nem de apoio. É preciso que nós homens, tenhamos coragem, quando nos colocamos a refletir sem vendas nos olhos. Devemos avançar no escuro, de olhos abertos, proibindo-nos de renunciar ao pensamento (JASPERS, 1983, p.53)<sup>7</sup>.

Diante disso, pode-se dizer que Jaspers, em sua investigação filosófica, não busca estabelecer uma definição universalmente válida sobre as cifras, mas uma reflexão ‘comprometida’ sobre o modo de relação do homem com a transcendência. É, pois, nesse caminho que procurar-se-á delimitar os três aspectos que compõem aquilo que Jaspers chama de ‘reino’ das cifras, a saber: a sua estrutura, o seu conteúdo e a sua linguagem. Acredita-se que com esses esclarecimentos o leitor terá subsídios para compreender, mediante uma ‘reflexão ativa’, a experiência da transcendência.

Nesse nível, importa salientar que o filósofo investiga e analisa aquele âmbito que remete a existência à transcendência, sem pretender um ‘saber funcional’ que tanto interessa e envolve o homem religioso, que é aquele saber do homem religiosamente comprometido. Jaspers, efetivamente, pensa a experiência da transcendência, mas desde uma perspectiva externa, ou seja, a partir de uma postura que lhe consente um distanciamento questionador de todo envolvimento preliminar. O que possibilita dizer que ele reivindica uma análise crítica ao assumir uma postura questionadora sobre o que constitui a experiência da transcendência.

Com isso, cabe pontuar que o nosso autor busca elaborar e discutir como se dá a relação entre o homem e a transcendência, mais precisamente como cada existente, de forma particular, realiza o ‘religamen’ correspondente à experiência da transcendência, sem, contudo, estabelecer um pensamento religioso. Nesse percurso, Jaspers evidencia a relação entre esferas distintas que a religião também permite instaurar, porém não reduz as suas investigações a um modelo previamente fixado, situando-se, assim, no interior de uma única perspectiva. Coloca-se, portanto, naquele horizonte aberto pela perspectiva do diálogo. Como ressalta:

Se a religião fica excluída pela filosofia, ou ao contrário, a filosofia pela religião, se se afirma o domínio de uma sobre a outra com a pretensão de ser a única instância suprema, então o homem deixa de estar aberto ao Ser e a suas possibilidades em favor de uma oclusão do conhecimento que se encerra em si mesmo (JASPERS, 1953, p.267)<sup>8</sup>.

---

<sup>7</sup> JASPERS, Karl. *Introdução ao pensamento filosófico*. 9.ed. São Paulo: Cultrix, 1983.

Isso mostra que, na concepção do filósofo, é possível pensar num ‘diálogo’ entre filosofia e religião que, por sua vez, não significa a absorção de uma na outra. O comprometimento e a radicalidade com os quais o filósofo concebeu esse diálogo pode ser vislumbrado principalmente na obra ‘A fé filosófica diante da revelação’. Nessa obra é possível observar que a sua investigação está intimamente marcada pela contínua busca de ‘comunicação’ entre estas duas esferas. Como escreve: “São dois âmbitos distintos, mas que estão, de certa forma, interligados” (JASPERS, 1968, p.8)<sup>9</sup>. Diante disso, torna-se interessante delimitar, a título de esclarecimento, o percurso que Jaspers estabelece na referida obra para extrair, desta fecunda ambivalência, temas e estímulos para a própria investigação:

1 - Em sua fundamentação em torno da possível relação entre filosofia e religião, Jaspers afirma a necessidade de estabelecer, previamente, uma reflexão minuciosa sobre a história da fé revelada e da igreja, ressaltando seus conteúdos e sua forma de organização. Observa-se, contudo, que seu objetivo central é pensar o círculo conceitual que se fecha em torno da fé revelada.

2 – Na segunda parte da obra, Jaspers procura delimitar as diferenças entre filosofia, teologia e ciência. Segundo ele, “esta distinção parece de maior importância para o pensamento atual” (JASPERS, 1968, p.24)<sup>10</sup>.

3 - A partir daí estrutura a terceira parte da obra, onde estabelece aquilo que chama de ‘saber filosófico fundamental’, um saber que se vincula ao próprio existir. Pode-se dizer que é com base nesse ‘saber fundamental’ que Jaspers desenvolve os elementos que compõem a sua ‘filosofia da transcendência’.

4 - Não por acaso ele estabelece, de forma seqüencial, a sua investigação sobre as cifras da transcendência. Este exame se prolonga até a quinta parte da obra, onde analisa o significado existencial das cifras. Tal investigação se configura, de forma determinante, para se entender a relação do homem com a transcendência.

5 - Jaspers conclui com a questão proposta já no título da obra, que é a possível relação entre fé filosófica e fé revelada. Segundo ele, “se a fé filosófica e a fé revelada podem se encontrar sem se tornar uma mesma coisa, então desejaria saber que posso favorecer esta possibilidade”

---

<sup>8</sup>JASPERS, Karl. Balance y perspectiva: discursos y ensayos. In: *Mi camino a la filosofía*. Madrid: Revista de Occidente, 1953. Tradução nossa.

<sup>9</sup> JASPERS, KARL. *La fe filosófica ante la revelación*. Madrid: Editorial Gredos, 1968. Tradução nossa.

<sup>10</sup> JASPERS, KARL. *La fe filosófica ante la revelación*. Madrid: Editorial Gredos, 1968. Tradução nossa.

(JASPERS, 1968, p.8)<sup>11</sup>. Entender o significado de fé filosófica e como se coloca frente à fé revelada é, pois, um dos objetivos de nossa pesquisa. Acreditamos que esse esclarecimento é necessário para se compreender como se dá a interdependência de abordagens que muitas vezes se tomaram por contraditórias e, também, pontuar como Jaspers pensa a experiência da transcendência.

Nesse percurso, é importante destacar que as pesquisas que abordam prioritariamente a terceira etapa da filosofia jasperiana mostram-se pouco recorrentes. Acredita-se que a diversidade de suas idéias no decorrer de sua atividade intelectual proporcionou e proporciona diversas discussões em torno, principalmente, da sua filosofia da existência, de sua psicologia, de sua antropologia filosófica e filosofia política. Discussões nestas áreas e sob estes pontos de vista são realizadas por importantes pensadores, tais como o italiano L. Pareyson, que estabelece na obra *Karl Jaspers* uma análise significativa da filosofia jasperiana.

Entre os estudiosos franceses, podemos destacar G. Marcel que oferece, entre outras abordagens, uma interpretação profunda do conceito ‘situação-limite’, expressa na obra *Situation fondamentale et situation limites chez Karl Jaspers*. Cabe destacar também as obras *L’existence d’après Karl Jaspers*, escrita por J. Tonquédec; *Karl Jaspers: théorie de la vérité, métaphysique dès chiffres e foi philosophique*, escrita por X. Tilliette e *Karl Jaspers et la philosophie de l’existence*, por M. Dufrenne e P. Ricoeur, referências indispensáveis para qualquer pesquisa sobre o pensamento filosófico de Karl Jaspers.

Outros importantes pensadores também se dedicaram ao estudo de elementos significativos da obra de Jaspers. Entre eles, cabe citar J. Hersch, que, por sua vez, criou na Suíça uma *Fundação Jaspers*. Nos Estados Unidos, observa-se também um interesse crescente pela sua filosofia, que aumentou, principalmente, a partir da publicação em 1957 do volume *The Philosophy of Karl Jaspers*, da coleção Library of Living Philosophers e editada por P. A. Schilpp. Em 1980 foi inaugurada uma *Jaspers Society of North America*, que realiza todos os anos um congresso especializado sobre a filosofia jasperiana.

Nesse horizonte que privilegia os elementos desenvolvidos no interior da sua filosofia da existência, pode-se destacar também os trabalhos realizados por estudiosos brasileiros que, apesar de participarem de um cenário ainda pouco expressivo no que tange ao estabelecimento de estudos filosóficos sobre o pensamento jasperiano no Brasil, mostram que, efetivamente, a sua filosofia apresenta uma ampla possibilidade de interpretação, que

---

<sup>11</sup> JASPERS, KARL. *La fe filosófica ante la revelación*. Madrid: Editorial Gredos, 1968. Tradução nossa.

permite, ao mesmo tempo, que seja sempre enriquecida, complementada e eventualmente reformulada.

Entre eles, cabe citar os trabalhos realizados pelos professores Gerson Brea, que se concretizam principalmente a partir da obra *Wahrheit in Kommunikation. Zum Ursprung der Existenzphilosophie bei Karl Jaspers*, ainda sem tradução para a língua portuguesa; e José Maurício de Carvalho, com a obra *Filosofia e psicologia, o pensamento fenomenológico existencial de Karl Jaspers*. O artigo escrito pela professora Antônia Cristina Perdigão, intitulado *A filosofia da existência de Karl Jaspers*, mostra-se também determinante nesse cenário.

No que tange a sua filosofia da transcendência, identificamos, em números menos expressivos, trabalhos significativos, tais como o artigo escrito pelo pensador L. Puntel, intitulado *Filosofia e religião em Karl Jaspers*; G. Penzo também desenvolveu inúmeros artigos analisando os elementos que compõem a terceira etapa da sua filosofia. Cabe citar os artigos *O divino como liberdade absoluta; Jesus como “grande filósofo” e o Cristo como “cifra”*, referências indispensáveis para se entender os aspectos determinantes de sua filosofia da transcendência. O artigo escrito por Mário Curtis Giordani intitulado *Jaspers, o filósofo da transcendência indefinível* apresenta, por sua vez, uma análise explicativa sobre o estatuto da sua filosofia da transcendência. Outro pensador que se destaca nesta linha de pesquisa é Andres Queiruga, que estabelece uma investigação sobre a fé filosófica, a ciência e a religião no pensamento jasperiano, no artigo intitulado *Karl Jaspers: La fe filosófica frente a la ciencia e a la religion*.

Com isso, quer-se mostrar que existem diversos temas relacionados com a filosofia da transcendência de Karl Jaspers, que, por sua vez, proporcionam diferentes abordagens e interpretações. É, pois, diante desse cenário que se busca delimitar e esclarecer os elementos chave de sua filosofia da transcendência. Nosso objetivo é levar o leitor a traçar uma compreensão própria dos sinais cifrados da transcendência. Espera-se, com isso, contribuir de alguma forma para que a filosofia de Jaspers, e, com efeito, a sua ‘filosofia da transcendência’, seja mais bem apreciada no Brasil, com todas as suas particularidades e implicações.



# CAPÍTULO 1: A FILOSOFIA DA EXISTÊNCIA DE KARL JASPERS

## 1.1 – *Existenzphilosophie*

O objetivo principal desse capítulo é compreender como o autor investiga e analisa a existência humana e quais são as particularidades de sua filosofia da existência. Pode-se dizer, de forma introdutória, que Jaspers estrutura um campo de reflexão filosófica relacionada a todos os temas que giram em torno do homem e da condição humana como o são, por exemplo, a temporalidade, a liberdade, a finitude, o fracasso, a transcendência. Contudo, em sua fundamentação teórica, é possível vislumbrar elementos singulares que o diferenciam dos outros filósofos da existência. Torna-se, portanto, relevante compreender a particularidade de sua filosofia. Acreditamos que, com isso, o leitor poderá traçar uma visão pontual dos pressupostos fundamentais que compõem o seu pensamento.

Cabe salientar que, entre os filósofos da existência, o único pensador que aceita o termo ‘existencialismo’ para designar a sua filosofia é Sartre. Com uma particularidade expressiva, Sartre afirma (1946, p.23-24) que existem dois tipos de pensadores existencialistas, aqueles de confissão católica, entre eles inclui Karl Jaspers e Gabriel Marcel; e os existencialistas ateus: “entre os quais há de incluir Heidegger, os existencialistas franceses e a mim próprio” Acreditamos que existe uma diferença pontual entre esses pensadores, porém, não é possível dizer que Jaspers se ‘enquadra’ naquilo que Sartre chama de ‘confissão católica’.

Como já foi delimitado anteriormente, Jaspers estabelece um diálogo com a esfera religiosa, especificamente com a tradição religiosa cristã, o que não significa que seja de ‘confissão católica’. É possível afirmar que o filósofo reconhece o valor e o significado da tradição cristã, mas, com efeito, não estabelece uma identidade de conteúdo entre o seu pensamento filosófico e os pressupostos do catolicismo. Com isso, é decisivo perceber que Jaspers preserva a relação de filosofia e religião como dois âmbitos distintos, mas que podem eventualmente encontrar-se e relacionar-se. O que possibilita dizer que, se por um lado Jaspers não suprime a diferença, por outro reconhece a possibilidade de diálogo.

Não obstante, pode-se dizer que a especificidade do pensamento jasperiano, que o diferencia dos outros pensadores existencialista encontra-se, sobretudo, na convicção de que a existência humana apresenta um caráter inconcluso e indeterminado, mas busca um

complemento, uma significação para além da orientação no mundo. Segundo ele, a existência não se apresenta fechada em si mesma, mas, antes, é um projetar-se no sentido de impulsionar-se para algo. É, pois, nesse contexto que Jaspers fala da transcendência. Segundo ele, a transcendência se estabelece na vida do existente na medida em que decide se projetar, ou seja, que se coloca em condição de abertura para a transcendência. Como escreve: “A capacidade de decisão da existência significa *poder-ser* autenticamente diante da transcendência, enquanto que a criação de si mesmo a partir do nada da arbitrariedade e da exatidão geral se mostra de forma fantástica” (JASPERS, 1968, p.114-114)<sup>12</sup>.

Com base nisso, poderíamos até dizer que a filosofia da existência de Jaspers, com o mesmo direito, também poderia ser chamada de ‘filosofia da transcendência’, já que sua investigação acerca da existência caminha, de forma decisiva, para a dimensão da transcendência. Não obstante, é importante fazer notar que a transcendência, na filosofia jasperiana, ocorre somente no horizonte de mistério: como algo que não se manifesta e não se revela em hipótese alguma. Por isso, não deve ser confundida, desde já, com uma personalidade qualquer ou com a idéia cristã de um Deus pessoal. Cabe, portanto, pensar numa transcendência oculta, distante e parcialmente decifrável.

Perceber como Jaspers estabelece esse percurso torna-se, portanto, relevante para se obter uma chave de compreensão do seu pensamento filosófico. Com isso, procuraremos explicitar, a título de esclarecimento, os meandros que levaram Jaspers a assumir esta postura filosófica. Qual a origem deste pensar? Sobre que base a edificou? Consideramos estes dois pontos importantes para que se possa perceber o germe das questões desenvolvidas no interior de suas obras.

Pode-se dizer que a produção filosófica jasperiana ocorreu de forma tardia e se iniciou após uma longa busca pelo esclarecimento científico da existência humana. Jaspers, por acreditar que as questões práticas eram a sua verdadeira tarefa e a forma mais imediata de tratar a existência humana, inicia os seus estudos na jurisprudência. Porém, o curso não lhe causou uma boa impressão, como explica: “o que vi nela foi apenas um complicado jogo intelectual com ficções que não tinham nenhum interesse para mim” (JASPERS, 1953, p.246)<sup>13</sup>.

Diante desse descontentamento, abandona o curso de Direito e inicia o estudo de Medicina. Essa mudança se deve principalmente ao seu crescente interesse pela experiência

---

<sup>12</sup> JASPERS, KARL. *La fe filosófica ante la revelación*. Madrid: Editorial Gredos, 1968. Tradução nossa.

<sup>13</sup> JASPERS, Karl. Balance y perspectiva: discursos y ensayos. In: *Mi camino a la filosofía*. Madrid: Revista de Occidente, 1953. Tradução nossa.

direta no trato com os homens. Segundo ele, “o estudo da medicina oferecia as melhores possibilidades para conhecer a natureza e os homens” (JASPERS, 1953, p.239)<sup>14</sup>.

Com esse objetivo prático, se dedica, portanto, à medicina, mas com a intenção de terminar a Universidade seguindo uma carreira científica, não na filosofia, como salienta, mas na psicologia ou psiquiatria. Desses estudos posteriores, surgem suas investigações psicopatológicas, que constituem a obra *Psicopatologia geral*. Jaspers afirma, no texto *Balance y perspectiva*, que, de certa forma, sua psicologia já tratava de questões de caráter intrinsecamente filosóficas, como por exemplo, a busca pelo ‘esclarecimento da existência’:

Esta psicologia não se tratava somente do modo empírico de estabelecer leis de processos psíquicos, mas também esboçava todas as possibilidades da alma, que podem, por sua vez, mostrar ao homem, como um espelho, o que pode ser e o que pode alcançar. Tais ilustrações servem, sobretudo, como apelação à liberdade, de modo que o sujeito possa eleger, numa ação interior, o que quer ser realmente (JASPERS, 1953, p.246-247)<sup>15</sup>.

Isso mostra que seus estudos psicopatológicos se estabelecem, de certa forma, como ponto de partida para a estruturação de seu pensamento filosófico posterior. Sobretudo no que tange ao reconhecimento do ser humano, não como um objeto fixo e determinado, mas, antes, como possibilidades de ser no mundo. Porém, cabe salientar que somente com o advento da Primeira Guerra Mundial em 1914, se estabelece uma ruptura na vida de Jaspers. Segundo ele, ao se deparar com a sua realidade e com a realidade de toda Europa dilacerada pela guerra, a filosofia, com toda sua profundidade, se faz, então, mais preeminente na sua vida, principalmente na forma de reconhecimento da ‘verdadeira’ condição humana. Como salienta:

Quando percebi que nas Universidades não havia naquele tempo nenhuma filosofia que fosse verdadeira, me vi no direito de anunciar a filosofia, dizer o que era e o que poderia ser. Somente, então, e já estava com quarenta anos, fiz da filosofia a tarefa da minha vida (JASPERS, 1953, p.247)<sup>16</sup>.

Nesse contexto, é possível afirmar que a sua investigação filosófica inicia-se no início do século XX e tem como referência básica a filosofia de Kierkegaard. Com efeito, a existência é um termo empregado pelo filósofo para designar a ‘realidade humana’ segundo o acento que deu Kierkegaard. Tal influência pode ser vislumbrada principalmente quando

---

<sup>14</sup> Ibid. Tradução nossa.

<sup>15</sup> Ibid. Tradução nossa.

<sup>16</sup> Ibid. Tradução nossa.

afirma a necessidade de ‘recolocar’ a questão da verdade a partir do processo da existência. Como salienta Jaspers, sob uma forte influência de Kierkegaard: “tudo o que é real existe para mim só enquanto eu sou eu mesmo” (JASPERS, 1961, p.34)<sup>17</sup>. Isso evidencia que, no mesmo caminho de Kierkegaard, Jaspers pensa a existência como pressuposto fundamental para se entender a realidade<sup>18</sup>.

Contudo, importa salientar que, apesar de se pautar em determinados elementos do pensamento kierkegaardiano, Jaspers se distingue dele de forma decisiva. É possível dizer que a diferença pontual entre Kierkegaard e Jaspers reside em que o primeiro faz uma escolha, escolha essa pautada no reconhecimento de um ‘Deus cristão’. Jaspers, por sua vez, pensa numa transcendência que está além da possibilidade da consciência e do que ela nomeia como ser. Isso evidencia que os dois pensadores se encontram numa íntima relação com o âmbito que ultrapassa o do humano, mas seguem caminhos distintos na tentativa de compreender esse horizonte.

Para além dos estudos kierkegaardianos, Jaspers se dedicou também à leitura das obras de Platão, Plotino, Cusano, Giordano Bruno, Schelling e Nietzsche, influências decisivas na estruturação do seu pensamento filosófico. Podemos citar também Goethe, que, segundo Jaspers, lhe proporcionou a atmosfera da “Humanitas e da ausência de prejuízo” (JASPERS, 1953, p.251)<sup>19</sup>. Entre os contemporâneos de Jaspers, podemos vislumbrar claras referências a Max Weber, que revela, como ele mesmo afirma, “a grandeza humana” (JASPERS, 1953, p. 252)<sup>20</sup>.

O contato com a filosofia de Husserl, por sua vez, pode ser visto sob duas óculares. Num primeiro momento, o filósofo explica que a sua fenomenologia e a aplicabilidade desse método proporcionou um campo propício para as suas investigações psicológicas, principalmente para descrever a vivência dos enfermos mentais. Por outro lado, afirma que o encontro com Husserl, em 1913, provocou a decepção diante da possibilidade de pensá-lo como grande filósofo. Esse encontro é relatado por Jaspers na obra *Balance y perspectiva* da seguinte forma:

---

<sup>17</sup> JASPERS, Karl. *Filosofia de la Existência*. Madrid: Aguilar, 1961. Tradução nossa.

<sup>18</sup> Para Kierkegaard (1988, p. 279), deve-se viver uma verdade que seja verdadeira para mim: “existencial é o que diz respeito ao problema existencial de cada um de nós, ao que significa para mim”. KIERKEGAARD, Sören. *Diário de um sedutor*. 3. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988. (Os Pensadores).

<sup>19</sup> JASPERS, Karl. *Balance y perspectiva: discursos y ensayos*. In: *Mi camino a la filosofía*. Madrid: Revista de Occidente, 1953. Tradução nossa.

<sup>20</sup> Ibid. Tradução nossa.

Perguntei para ele (Husserl) que era realmente a fenomenologia, pois eu não sabia com clareza. Ele respondeu: você já faz excelente fenomenologia em seus escritos. Você não necessita saber o que é quando já o sabe fazer tão bem. E seguiu dizendo como o deprimia que o comparasse com Schelling, pois Schelling não era um filósofo para ser tomado a sério. Me calei e mais tarde pensei: este homem maravilhoso sabe tão pouco o que é filosofia que sente uma ofensa que se lhe compare com um grande filósofo (JASPERS, 1953, p.241)<sup>21</sup>.

Contudo, é possível dizer que a filosofia de Kant mostra-se, por sua vez, decisiva na estruturação do pensamento jasperiano. Segundo o nosso autor, Kant percebe e estabelece as grandes questões da humanidade. A saber: *Que posso saber? Que devo fazer? Que posso esperar?* Em seu pensamento filosófico, Jaspers apreende e desenvolve essas questões, mas sob uma outra ocular. Recoloca-as da seguinte maneira: *como estamos no mundo? De onde viemos? Quem somos?* O filósofo explica que essa reformulação procede da vida mesma, da nossa circunstância atual, daí a necessidade de se estabelecer uma outra abordagem.<sup>22</sup> Para além disso, pode-se vislumbrar, em diversas passagens de suas obras, inúmeras referências a sua fundamentação teórica, o que, de fato, mostra que Jaspers assenta suas raízes principalmente em Kant.

Diante disso, importa salientar que apesar dessa confluência de idéias, Jaspers estabelece um projeto singular, que o diferencia de outros pensadores. Pode-se observar, no conjunto de sua obra, que o filósofo oferece uma chave hermenêutica para as várias oscilações que ocorrem entre *Existenz* e *Dasein*, homem e transcendência, ciência e filosofia, fé revelada e fé filosófica. É, pois, a partir da articulação desses elementos que devemos pensar a filosofia da existência de Jaspers.

## 1.2 – *Existenz e Dasein*

Nesse tópico, busca-se delimitar a diferença entre existência possível, que Jaspers chama em sua filosofia de *Existenz* e existência empírica ou *Dasein*. Consideramos esse esclarecimento pertinente, pois permitirá vislumbrar como se configura a transcendência na realidade humana. Ora, na filosofia jasperiana, a abertura para a transcendência se estabelece

<sup>21</sup> Ibid. Tradução nossa. Comentário entre parênteses é nosso.

<sup>22</sup> Cabe ressaltar que, na concepção de Jaspers, a pergunta pelo ‘ser’ do homem se faz mais preeminente do que nunca. Por isso, salienta que já não basta perguntar como Kant, transcendendo de si mesmo, ‘que posso saber’, ‘que devo fazer’, ‘que posso esperar’, mas antes, o homem se sente mais decisivamente voltado para uma certeza que lhe falta, a certeza da sua existência num mundo fragmentado. Como explica: “por causa dessas questões, nos colocamos no caminho da busca. Mas o objeto dessa busca é o homem e a transcendência”. JASPERS, Karl. Balance y perspectiva: discursos y ensayos. In: *Mi camino a la filosofía*. Madrid: Revista de Occidente, 1953, p. 256. Tradução nossa.

na medida em que o existente se percebe enquanto *Dasein* e, assim, como um ser limitado e inconcluso. Essa consciência da própria finitude confere ao existente a possibilidade de significar a sua situação no mundo de uma outra forma, o que possibilita realizar o ‘salto’ da dimensão objetiva do *Dasein*, para o horizonte sempre ‘aberto’ da existência possível. Enquanto possibilidade de ser no mundo, o existente se coloca, portanto, em condição de abertura para a transcendência.

Torna-se, portanto, determinante para o estabelecimento dos objetivos propostos, pontuar a distinção e a possível aproximação entre estas duas maneiras do existente se posicionar no mundo: como existência empírica (*Dasein*) e como existência possível (*mögliche Existenz*). Contudo, importa salientar, a título de esclarecimento, que no pensamento jasperiano o termo *Dasein* é tratado de forma específica. Diz respeito aos homens, aos objetos, ao mundo, considerados na perspectiva da objetividade. Refere-se, numa perspectiva mais restrita, ao ser humano empírico, objeto de investigação da ciência, da psicologia, da sociologia. Opõe-se, como veremos em seguida, ao significado de *Existenz*, que traduzimos em nossa pesquisa como ‘existência possível’.

A compreensão sobre o homem como aquele ser que se exerce na dimensão do *Dasein* nos convida, pois, a pensá-lo como mera manifestação empírica. Nesse nível, o existente é visado somente no âmbito das realizações no mundo e das suas determinações. Como escreve Jaspers: “a existência empírica (*Dasein*) existe somente em relação com seu mundo circundante, diante do que reage e sobre o que atua” (JASPERS, 1968, p.109)<sup>23</sup>. Nesse caso, deve-se pensar a existência humana como presença objetiva no mundo, que se orienta unicamente pela realidade concreta das coisas.

Contudo, como já foi pontuado, para o nosso autor a existência humana não se restringe unicamente a ‘ser-objeto’ no mundo. Ora, como pensador da existência, Jaspers não poderia se deter somente no horizonte das determinações objetivas. Sua intenção é compreender, sobretudo, o horizonte existencial do homem. E isso implica o esclarecimento da existência humana não somente enquanto realidade empírica, mas também como existência possível.

Na concepção de Jaspers, somente a partir de uma reflexão, por parte do existente, sobre a sua condição no mundo, chega-se ao reconhecimento de seu próprio modo de presença no mundo. Quando isso ocorre, se estabelece um outro horizonte de relação entre o existente e o mundo e, por meio desse horizonte, ele passa a significar a sua existência. Tal

---

<sup>23</sup> JASPERS, Karl. *La fe filosófica ante la revelación*. Madrid: Editorial Gredos 1968. Tradução nossa.

conjuntura corresponde à condição indispensável para se perceber como existência possível. Como pontua o filósofo: “Só na ação sobre si mesmo e sobre o mundo, em suas realizações é que ele adquire consciência de ser ele próprio, é que ele domina a vida e se ultrapassa” (JASPERS, 1983, p.50)<sup>24</sup>.

Isso evidencia, por sua vez, que o homem enquanto *Dasein*, apesar de se estabelecer no horizonte limitado das determinações no mundo, pode, ao mesmo tempo, se colocar em condição de abertura para o *dar-se* da existência possível. Ou seja, se por um lado é visado unicamente como objeto no mundo, por outro lado constitui a dimensão decisiva para a realização da existência possível. Porém, deve-se considerar o *Dasein* apenas como ponto de partida para a realização da existência enquanto possibilidade. Isso porque, com efeito, não há existência humana sem *Dasein*, ainda que o *Dasein* não corresponda à existência em toda sua dimensão. Entendemos que o importante nesse processo é perceber que, mesmo sob a orientação no mundo, o existente pode realizar o ‘salto’ para além das suas determinações e, assim, superar esse nível fundamental, mas limitado da existência.

O ‘salto’ (*Sprung*), no pensamento jasperiano, se efetiva quando o existente confronta a si mesmo e as suas limitações. Nesse confronto, passa a atribuir um significado ao seu próprio modo de presença no mundo, o que possibilita a abertura para as diversas possibilidades de ser. Como escreve:

Demos um salto: passamos da cognição intelectual dos objetos para a consciência subjetiva do que realizamos e experimentamos. A altura que atingimos com esse salto é nada, se a considerarmos do ponto de vista do conhecimento do mundo; considerado, porém, do ponto de vista filosófico, equivale à possibilidade de atingir uma nova consciência do ser (JASPERS, 1983, p.36)<sup>25</sup>.

Pode-se observar que, com o advento do ‘salto’, Jaspers pontua um aspecto determinante da existência humana: a possibilidade de superação. Segundo ele, no confronto com as suas limitações, o existente se coloca em condição de abertura para realizar o ‘movimento de transcendência’ da existência empírica para a ‘existência possível’. Daí surge não só a possibilidade de superar a si mesma e, assim, as situações limitantes, mas, também, o processo de orientação no mundo.

Não se trata, contudo, apenas da passagem da dimensão objetiva à dimensão subjetiva. Com efeito, a reflexão subjetiva e comprometida, faz com que o homem adquira consciência da sua situação no mundo. Porém, somente no momento em que se vê em

---

<sup>24</sup> JASPERS, Karl. *Introdução ao pensamento filosófico*. Lisboa: Guimarães Editores, 1983.

<sup>25</sup> JASPERS, Karl. *Introdução ao pensamento filosófico*. Lisboa: Guimarães Editores, 1983.

condições de significar essas situações poderá realizar o ‘salto’ para a existência possível. Como salienta A. Perdigão (2001, p.542), intérprete do pensamento jasperiano:

Cabe entender que, para Jaspers, não há Existência sem Dasein, mas o Dasein não é a Existência. Aquilo que cada sujeito pode ser mas não o é, enquanto manifestação empírica do Dasein, só o será enquanto existência. Isto significa não só a possibilidade de se transcender enquanto Dasein, mas também a possibilidade de superar o processo infinito da orientação no mundo. Esta superação abre caminho ao *esclarecimento da existência* (*Existenzerhellung*).

Isso evidencia que na filosofia jasperiana a existência se estabelece, sobretudo, como um ‘poder-ser’, um ‘sair para fora’ em direção às diversas possibilidades. Ou seja, diferentemente do *Dasein*, que permanece no campo do vivido objetivamente, a existência, enquanto possibilidade será sempre a existência que se escolher. Por isso, Jaspers afirma que “a capacidade de escolha do homem, entendida não somente como capacidade de escolha própria da arbitrariedade da existência empírica, mas como a capacidade de decisão cuja necessidade eu sou eu mesmo, constitui a existência possível” (JASPERS, 1968, p.114)<sup>26</sup>.

Percebe-se, portanto, a impossibilidade de emitir um juízo fixo acerca da existência possível. Ora, no horizonte das possibilidades, o existente está sempre, de algum modo, à frente de si, projetando-se nos riscos das opções. Não temos, assim, nenhuma segurança objetiva sobre a existência possível, mas só uma segurança imersa na interrogação. É, pois, sob esta ocular que Jaspers propõe, não o conhecimento da existência, mas o esclarecimento da existência possível.

### 1.3 – O Esclarecimento da Existência

Nesse tópico busca-se compreender em que sentido Jaspers fala de esclarecimento da existência possível. Observa-se até esse momento da pesquisa que a sua filosofia da existência se preocupa, principalmente, com ‘aquele’ aspecto da existência humana que privilegia o horizonte das possibilidades. Na concepção do filósofo, somente nesse horizonte torna-se possível compreender o aspecto existencial da vida humana. O problema central é, pois, como pensar a existência sob esta ocular, já que nesse nível de realização não é possível estabelecer nenhum conhecimento ‘seguro’ sobre a existência.

Em sua fundamentação teórica, Jaspers é pontual ao afirmar que a existência se apresenta sob duas oculares distintas, mas interligadas: enquanto existência empírica e

---

<sup>26</sup> JASPERS, Karl. *La fe filosófica ante la revelación*. Madrid: Editorial Gredos, 1968. Tradução nossa.



enquanto existência possível. No primeiro caso, pode-se estabelecer um conhecimento objetivo, já que se refere aquele nível de realização que é acessível às diversas investigações. Porém, salienta que só é possível falar de existência enquanto possibilidade de forma indireta, pois não temos um objeto fixo e determinado e, assim, passível de investigação.

Segundo ele, o pensamento filosófico que visa esclarecer a existência possível não se pauta na aquisição de um conhecimento determinado da existência humana. Antes, busca transmitir um pensar que abre caminho esclarecendo, e não mais conhecendo. Ora, se a característica principal do conhecer é um representar e, portanto, um fixar, a função do ‘esclarecer’ é, pois, um ‘despertar’. Nesse nível, poderíamos dizer que a função da sua filosofia é, antes, manifestar, aclarar, tornar compreensível a existência humana. Isso porque a própria existência, pretendendo-se como algo que ‘ultrapassa’ a objetividade, se coloca na dimensão do indeterminado.

Jaspers, por vezes, chama esse pensamento de ‘não-saber’ justamente para dar ênfase à estrutura ‘inobjetiva’ da existência possível. Segundo ele, é importante ter em vista que no horizonte das possibilidades não podemos pensar na aplicabilidade de um saber, ou de um método pré-determinado, mas tão-somente numa “autêntica clarificação” (JASPERS, 1987, p.115)<sup>27</sup>. Como escreve:

Com o saber que possuo posso agir no exterior aplicando-o tecnicamente, o não-saber, porém, possibilita uma ação interior pela qual me transfiguro. Aqui se manifesta outro e mais profundo poder do pensamento, que não se desprende em direção a um objeto, que se consome no mais íntimo do meu ser, onde pensamento e devir são uma e a mesma coisa (JASPERS, 1987, p.114-115)<sup>28</sup>.

Isso mostra, portanto, que não existe teoria e nem saber específico sobre a existência possível, mas apenas um esclarecimento que visa unicamente deslindar o caráter existencial da realidade humana. Por isso, quando Jaspers diz que pretende ‘esclarecer’ a existência, deixa bem acentuado que não se trata de conhecer a existência humana, mas, antes, tornar claras as múltiplas possibilidades de ser. Nesse caso, pode-se dizer que o mundo deixa de ser a realidade na qual o *Dasein* se compreende, e o que passa a ser compreendido é a realidade da existência ou do processo mesmo de existir.

Depreende-se que o postulado metodológico básico da sua filosofia da existência encontra-se na exigência de assumir como ponto secundário as investigações objetivas da realidade humana, assim como todo e qualquer saber que determina sua estrutura no mundo.

---

<sup>27</sup>JASPERS, Karl. *Iniciação Filosófica*. Lisboa: Guimarães Editores, 1987.

<sup>28</sup>Ibid.

Para Jaspers, a existência humana e suas implicações existenciais encontram-se além dessas determinações.

Com isso, pode-se dizer que o nosso autor cultiva um modo filosófico de ‘pensar transcendente’, que se evidencia principalmente no interior da sua filosofia da existência quando estabelece o ‘salto’ da orientação no mundo ao esclarecimento da existência. Aqui, é possível observar que a intenção do filósofo é, de certa forma, ‘ultrapassar’ a fronteira do conhecimento puramente objetivo, para alcançar o esclarecimento da dimensão existencial do homem. Como escreve: “a filosofia não pode chegar a existir realmente somente no modo de pensar científico e no saber científico. A filosofia exige outro pensar, isto é, um pensar que me recorda ao mesmo tempo o que me atrai até eu mesmo” (JASPERS, 1961, p.36)<sup>29</sup>.

Percebe-se que a ‘função’ desse pensar transcendente é, sobretudo, esclarecer aquela dimensão existencial do homem, e, assim, indicar, sinalizar as diversas possibilidades da existência. Diante disso, pode-se entrever que o objetivo de Jaspers ao propor um esclarecimento da existência humana não é perseguir a meta de descobrir uma ‘essência’ do homem ou de dar ênfase às estruturas que compõe o ser humano. Busca, antes, estabelecer uma chamada indireta aos indivíduos para que realizem, sobretudo, um possível esclarecimento da existência humana.

Tal desdobramento permite vislumbrar, por sua vez, que o ‘esclarecimento da existência’ constitui o pressuposto fundamental da sua filosofia. Portanto, é por esse caminho que procuraremos ‘pensar’ a possível relação entre existência e transcendência. Percebemos que somente nessa dimensão torna-se possível ‘esclarecer’ o horizonte sempre ‘aberto’ da existência, sem, contudo, pretender uma universalidade impessoal.

---

<sup>29</sup> JASPERS, Karl. *Filosofia de la Existencia*. Madrid: Aguilar, 1961. Tradução nossa.

## CAPÍTULO 2 – A TRANSCENDÊNCIA NO PENSAMENTO JASPERIANO

### 2.1 – O envolvente

Compreender/interpretar o envolvente na filosofia de Karl Jaspers é determinante para o esclarecimento da transcendência. Percebemos que Jaspers se adentra no âmbito da transcendência e, conseqüentemente, na análise da possível relação entre o homem e a transcendência, com a reflexão sobre as condições que tornam possível a experiência de algo que, em hipótese alguma, se manifesta como objeto no mundo. Esse empreendimento se dá com a elaboração da sua ‘filosofia do envolvente’ (*das Umgreifende*).

É importante salientar que o pensamento jasperiano sobre o envolvente se estabelece a partir de um pressuposto fundamental: a impossibilidade de ‘apreender’ o envolvente enquanto objeto no mundo. Tal dimensão evidencia, por sua vez, a impossibilidade de pensá-lo adequadamente na cisão sujeito/objeto. Não obstante, o nosso autor salienta que o envolvente é ponto principal dessa cisão, pois constitui, por assim dizer, o ‘elo de unidade’ que mantêm juntos o sujeito e o objeto, mas que, em si mesmo, não é nem o sujeito e nem o objeto. Nesse horizonte, o envolvente se faz preeminente como a condição de possibilidade para a realização de todas as coisas no mundo. Como explica o filósofo:

O envolvente em si mesmo é o infranqueável que, enquanto tal, é inconcebível, aquele de onde somos e que nunca abarcamos, aquele que é sempre mais extenso, por extensa que seja nossa concepção do objeto do conhecimento (JASPERS, 1968, p.126-127)<sup>30</sup>.

Tal desdobramento mostra que, efetivamente, o envolvente não pode ser entendido nunca como um acontecer ‘real’, mas tão-somente como aquele que não se faz mais que ‘notificar-se’ no pensamento. Nesse nível, Jaspers não deixa de sublinhar o problema central referente ao envolvente, que é pensar em forma de objetividade algo que não é objetivo. A indagação que ele coloca é a seguinte: “Podemos nós, valendo-nos do pensamento, encontrar, por assim dizer, um lugar exterior ao nosso conhecimento e a partir do qual esse conhecimento se tornasse inteiramente visível por transparência?” (JASPERS, 1983, p.42)<sup>31</sup>

---

<sup>30</sup> JASPERS, Karl. *La fe filosófica ante la revelación*. Madrid: Editorial Gredos, 1968.

<sup>31</sup> JASPERS, Karl. *Introdução ao pensamento filosófico*. 9.ed. São Paulo: Cultrix, 1983.

Pode-se dizer que em sua filosofia, Jaspers busca pensar o espaço entre a negação de toda a objetividade e a apropriação de um significado para o envolvente a partir de uma ‘operação filosófica fundamental’. Nessa operação realiza-se um tipo de experiência do pensamento em que passa a não mais dispor do conhecimento objetivo das coisas. Isso porque quando o pensamento do envolvente se objetiva de alguma forma, a operação filosófica impõe uma ‘conversão’ para o ‘inobjetivo’, a partir do abandono dessa mesma objetividade:

Na operação filosófica precisamos da objetivação para nos aproximar do *inobjetivo*. Este pensamento tem, pois, duas vertentes: primeiro a elaboração de múltiplas objetividades precisas para a atualização dos modos do envolvente; segundo, o abandono dessas objetividades para aproximar-se do envolvente. A conversão (*Umwendung*) mesma necessita primeiramente destas objetividades, sem a qual não se pode fazer-se consciente de nada, mas ao mesmo tempo necessita também prescindir delas (JASPERS, 1968, p.128-129)<sup>32</sup>.

Esta transformação ou conversão se dá, portanto, na medida em que o existente ‘desata’ os laços que prendem o pensamento ao objeto e, assim, transmuta o sentido da objetividade. Nesse desdobramento, passamos então a dispor de um espaço onde não mais se produz o conhecimento sobre algo dado no mundo, mas sobre ‘aquele’ horizonte que é condição de possibilidade para a realização de todas as coisas. É, pois, nesse nível de realização que o envolvente se torna compreensível.

Com isso, pode-se dizer que pensar o envolvente depende de uma resolução primordial: depende da vontade do existente para liberar-se de todo saber determinado das coisas depois de ter apropriado o seu significado. Pela clareza dessa realização, torna-se possível pensar o envolvente sem precisar apoiar-se no sujeito e no objeto. Como pontua o filósofo:

Quanto ao próprio abrangente (envolvente), não cabe pensá-lo como objeto (coisa), porque, em tal caso, ele se faria objeto (oposto ao sujeito). Se quisermos pensá-lo haveremos de renunciar à base oferecida pelos objetos que temos diante de nós quando os pensamos. E, por isso, buscamos um outro fundamento, que não seja sujeito e nem objeto (JASPERS, 1983, p.37)<sup>33</sup>.

Diante disso, é importante ter em vista que Jaspers fala de um ‘saber fundamental ou

<sup>32</sup> JASPERS, Karl. *La fe filosófica ante la revelación*. Madrid: Editorial Gredos, 1968. Tradução nossa.

<sup>33</sup> JASPERS, Karl. *Introdução ao pensamento filosófico*. 9.ed. São Paulo: Cultrix, 1983. Importa destacar que o termo *das Umgreifende* é traduzido de diferentes formas para a língua portuguesa. Como, por exemplo: o abarcador, o abrangente. Traduzimos como ‘o envolvente’, pois acreditamos que seja a acepção mais fiel ao significado de *das Umgreifende*.

filosófico do envolvente’ sobre o qual insiste em sua posterior obra *A fé filosófica diante da revelação*<sup>34</sup>. Pode-se dizer que este saber fundamental cumpre o seu objetivo não por meio de um método que possibilita a apreensão de ‘algo’. Antes, por meio da força do modo de interrogar, ilumina os locais onde os conceitos definidos não bastam. Isso mostra que é, sobretudo, um ‘saber de orientação’ e, por essa via, pode favorecer a ‘claridade de nosso viver’. Como salienta: “O saber fundamental evita confusões e erros na originalidade mesma que somos e que podemos chegar a ser” (JASPERS, 1968, p.119)<sup>35</sup>.

Percebe-se que a função do saber fundamental é, sobretudo, esclarecer os espaços, as origens e as possibilidades. Por isso, não expressa nada concreto no mundo, nem verdade alguma consumada. Antes, apenas consiste em tornar consciente o horizonte das possibilidades. Nesse sentido, poderíamos dizer que, se por um lado é um saber que não tem conteúdo, por outro torna consciente a forma de todos os conteúdos. Isso evidencia, portanto, o aspecto fundamental do saber filosófico do envolvente: um saber que torna patente não o conhecimento de um novo objeto, mas a ‘realidade inobjetiva do envolvente.

Visto dessa maneira, o ‘saber’ das coisas adquire uma profundidade nova, diferente do saber que se estabelece das ‘realidades’ (*Realitäten*) manifestas. Isso porque, como já vimos, passamos a realizar uma experiência onde não mais se produz o conhecimento de um objeto determinado. É, pois, nesse horizonte que Jaspers estabelece os modos de manifestação do envolvente.

## 2.2 – Os modos do envolvente

Segundo Jaspers, o envolvente só se faz presente para a consciência a partir dos seus modos de manifestação, que, enquanto tais, se edificam a partir de múltiplas objetividades. Isso evidencia que o envolvente necessita primeiramente dessas objetividades para se tornar ‘realidade’, sem as quais não se pode fazer-se consciente de nada. Contudo, para aproximar-se do envolvente e da sua devida compreensão o existente precisa também abandonar essas mesmas objetividades. Tal desdobramento constitui, como já vimos, a operação filosófica fundamental, em que se constrói o saber ‘fundamental’ do envolvente.

Com isso, pode-se dizer que o aspecto determinante no processo de ‘apreensão’ do envolvente recai na aceitação prévia de que sua atualização se dá a partir de modalidade, mas

<sup>34</sup> JASPERS, Karl. *La fe filosófica ante la revelación*. Madrid: Editorial Gredos, 1968, p. 119. Tradução nossa.

<sup>35</sup> Ibid. Tradução nossa.

que, em si mesmo, não é objeto para a consciência, permanecendo sempre ‘envolvente’. Somente nesse nível de realização é possível pensar o envolvente que somos e podemos ser’, enquanto existência empírica, consciência em geral, espírito e existência possível. Pensando-o da parte do objeto se expressa enquanto ‘realidade’ no mundo. Além dessas modalidades, Jaspers estabelece também o ‘envolvente do envolvente’, que ele chama de transcendência. Vejamos de forma esquematizada como se dá tal desdobramento:

a - o envolvente que somos e podemos ser se manifesta como:

- Existência empírica (*Dasein*)
- Consciência em geral (*Bewusstsein überhaupt*)
- Espírito (*Geist*)
- Existência possível (*Existenz*)

b - O envolvente enquanto realização objetiva:

- como mundo

c - O envolvente do envolvente’:

- como transcendência (*Transzendenz*)

Diante disso, é possível vislumbrar que o envolvente se mostra de muitos modos, embora nunca no que verdadeiramente é. Pode-se dizer que estas modalidades não resultam na evidência do envolvente, mas, antes, refletem a experiência interior da descoberta dos limites e, assim, da maneira como o envolvente pode se atualizar e se fazer presente na consciência.

É, pois, nesse contexto e a partir de tal quadro de referências que Jaspers fala do envolvente enquanto consciência em geral, que é a consciência comum a todos os seres pensantes. Como toda objetividade está sujeita às condições da consciência pensante, podemos nos colocar frente a este modo do envolvente como a condição de possibilidade de todo e qualquer conhecimento. Tal introjeção permite-nos uma remissão à consciência transcendental da teoria do conhecimento de Kant. Do mesmo modo como para Kant a sensibilidade, com as formas puras do espaço e do tempo, e o entendimento, com os conceitos básicos, constituem elementos estruturais da consciência (são a condição necessária do sujeito na elaboração do material do conhecimento tornando possível o conhecimento objetivo), para Jaspers a consciência em geral é a condição necessária para que se pensar os objetos no mundo. Nesse nível, pode-se dizer que o envolvente se manifesta como sujeito cognoscente.

Na dimensão do espírito, o envolvente se apresenta como ‘aquele’ que confere à multiplicidade dos pensamentos e dos atos uma coerência e uma orientação. Isso mostra que o

envolvente que ‘eu sou’ não se restringe somente a um ‘eu formal’ do intelecto, mas é também um ‘formador de idéias’. Como esclarece o filósofo: “Somos ‘espírito’, espírito criador de imagens e formas. Nas visões criadoras de nossa imaginação subjetiva revela-se uma objetividade intelectual. Não existe uma sem a outra” (JASPERS, 1983, p.40)<sup>36</sup>.

Diante disso, é possível afirmar que essas duas modalidades do envolvente encontram-se numa polaridade necessária e característica, na qual se condicionam mutuamente. Na concepção do filósofo, “o homem não é tão-somente o envolvente da consciência em geral, mas também se faz real como espírito em cuja totalidade ideal pode acolher tudo o que é pensado pela consciência e o que é real como existente” (JASPERS, 1961, p.48)<sup>37</sup>. Porém, como já delimitamos anteriormente, para Jaspers ‘somos’ envolventes também enquanto existência empírica. Nesse nível de realização, o envolvente se manifesta como ‘aquele’ existente que está diretamente relacionado à vida concreta. Ou seja, enquanto existência empírica, o envolvente se encontra na dimensão das coisas no mundo, podendo, assim, ser objeto de investigação.

Contudo, importa salientar, a fim de evitar confusões, que tais acepções se referem somente às modalidades do envolvente, e, de forma alguma, podem ser estendidas ao envolvente em si, pois este permanece sempre inacessível. Ora, a consciência em geral, o espírito e o existente empírico constituem apenas expressão do envolvente enquanto manifestação da individualidade humana.

É, pois, nesse horizonte que Jaspers estabelece outra modalidade do envolvente: a existência possível. Com este modo, é possível perceber que a consciência em geral, o espírito e a existência empírica não ‘esgotam’ a existência humana. Segundo Jaspers, somente enquanto ‘existência possível’ podemos pensar o envolvente que somos e podemos ser. Poderíamos dizer, portanto, sem pretender defini-la, que a existência possível consiste no descobrimento do ser humano individual e de suas possibilidades. Como escreve Jaspers:

Descobrir o ser do homem equivale, antes, a pensar o envolvente que somos. E pensar o envolvente que somos é pensar em múltiplas maneiras: como vida empírica, como consciência em geral, como espírito e como existência. Ora, o homem vive como ser empírico no mundo, sob a orientação do mundo. Também vive como consciência pensante em geral, e, nesse caso, está dirigido aos objetos. Como espírito constrói a idéia de um todo em sua existência mundana. E como existência possível vive no plano da liberdade, das escolhas, e, com isso, no plano

---

<sup>36</sup> JASPERS, Karl. *Introdução ao pensamento filosófico*. 9 ed. São Paulo: Cultrix, 1983.

<sup>37</sup> JASPERS, Karl. *Filosofia de la Existencia*. Madrid: Aguilar, 1961. Tradução nossa.

da transcendência (JASPERS, 1953, p. 260)<sup>38</sup>.

Tal dimensão possibilita pensar numa ‘co-participação’ dos modos do envolvente, que significa, por um lado, que o envolvente cinde-se em modalidades independentes umas das outras, e, por outro lado, que estas modalidades se interpenetram e se atualizam, refletindo a sua interdependência no envolvente. Isso mostra, sobretudo, a experiência interior da descoberta do envolvente que ‘eu sou’. Reflete também uma ‘situação’ fundamental: toda e qualquer experiência no mundo pode se ‘converter’ numa experiência interior do envolvente que, de sua parte, se faz patente somente quando essas objetividades são abandonadas. Para Jaspers, esse é o pressuposto fundamental para se adquirir a autêntica consciência do envolvente:

Para que o ser seja presente para nós é necessário que, na cisão sujeito-objeto, possa ser presente à alma pela experiência íntima. Significa dizer que o próprio ser que tudo fundamenta, o absoluto, tem de surgir aos nossos olhos sob a forma de objetividade que, no entanto, porque inadequada como tal, logo se desfaz e, destruída, nos deixa a pura claridade da presença do envolvente (JASPERS, 1987, p. 34)<sup>39</sup>.

Entender como se manifestam essas modalidades é, pois, determinante para se estabelecer uma devida compreensão da transcendência. Ora, a transcendência, por definição, é o ‘envolvente do envolvente’, e, enquanto tal, não se apresenta como objeto no mundo. Sua atualização se dá unicamente a partir da decifração dos sinais cifrados da transcendência. E isso se efetiva na medida em que o existente ultrapassa a dimensão objetiva das cifras e realiza, por assim dizer, uma leitura interior desses sinais. Pode-se dizer que somente nesse nível se dá a ‘comunicação’ entre o existente e a transcendência e, assim, a atualização do envolvente. Como salienta o nosso autor na obra *Balance y perspectiva*: “a fonte da verdade que se dá na comunicação existencial entre os homens e a transcendência, que difere do pensamento objetivo, determinado e particular, é o envolvente” (JASPERS, 1953, p.263)<sup>40</sup>.

Com base nisso, torna-se possível vislumbrar o caminho que Jaspers percorre em sua fundamentação em torno da transcendência. Percebemos que o caráter fundamental da filosofia da transcendência não é descrever ou reconstruir as estruturas objetivas de algo que,

<sup>38</sup> JASPERS, Karl. *Balance y perspectiva*. In: *Mi camino a la filosofía*. Madrid: Revista de Occidente, 1953. Tradução nossa.

<sup>39</sup> JASPERS, Karl. *Iniciação Filosófica*. Lisboa: Guimarães Editores, 1987.

<sup>40</sup> JASPERS, Karl. *Balance y perspectiva*. In: *Mi camino a la filosofía*. Madrid: Revista de Occidente, 1953. Tradução nossa.



por definição, não pode ser objetivado. Mas, antes, eleger, indicar o caminho para se pensar a transcendência, sem, com isso, reincidir na objetivação daquilo que, por definição, não pode ser objeto de investigação.

### 2.3 – As situações-limite

Situação-limite é, por diferentes razões, um dos conceitos mais característicos e importantes da filosofia de Karl Jaspers. Mostra-se determinante, sobretudo, no contexto da sua ‘filosofia da transcendência’. Isso porque somente a partir do embate com as situações-limite - “situações fundamentais de nossa existência” (JASPERS, 1953, p.301)<sup>41</sup> - o existente se coloca em condição de abertura para a experiência da transcendência.

Por se tratar da existência humana, tais situações não devem ser entendidas como feitos objetivos. Ora, a atribuição de um significado para as situações limitantes possibilita a interiorização dessas situações. Nesse nível, deixam de ser uma situação qualquer e passam a ser a ‘minha’ situação. Tal desdobramento confere todo peso à expressão ‘ser-em-situação’, como escreve Antunes (1973, p.150): “minha situação como ser-no-mundo é, ela própria, uma situação-limite – a situação limite fundamental – a minha determinação (*Bestimmtheit*)”. Isso evidencia que as situações-limite não se definem pelos seus contornos externos, mas, antes, só podem ser compreendidas quando vislumbradas de um ponto de vista interno.

Com isso, pode-se observar que o termo ‘situação’, utilizado de forma pontual pela ciência para indicar os ‘fatos e as redes de determinações objetivas que agem sobre o indivíduo’, se estabelece, na filosofia jasperiana, de maneira distinta. O termo encontra-se vinculado unicamente à existência humana e, nesse caso, não é a situação que determina o comportamento humano, mas a existência que transforma os fatos e/ou os acontecimentos em ‘situação’, dando-lhes conteúdo e significação. Tais situações passam, então, a integrar a vida do existente. Como pontua Jaspers: “estas situações que sentimos, experimentamos e pensamos sempre nos limites de nossa existência, se chamam situações-limite” (JASPERS, 1967, p.302)<sup>42</sup>.

Contudo, deve-se ter em vista que as situações-limite correspondem a um modo de situação humana que, diferentemente das situações no mundo, não podemos alterar. São elas:

---

<sup>41</sup> JASPERS, Karl. *Psicología de las concepciones del mundo*. Editorial Gredos, 1967. Tradução nossa.

<sup>42</sup> Ibid. Tradução nossa.

a morte, o sofrimento, a culpa<sup>43</sup>. O aspecto determinante desse tipo de situação, o que a torna ‘limite’, é o seu caráter imutável e irreduzível. A título de exemplo, podemos citar a situação-limite da morte que, no entender de Jaspers, coloca o existente diante da fragilidade do seu ser justamente por constituir uma situação intransponível e limitante. Logo, a reação imediata nesta situação é puramente negativa, como salienta o nosso autor: “a morte é algo irrepresentável, algo propriamente impensável. O que nós representamos e pensamos dela são somente negações e são somente fenômenos acidentais, nunca são positivities” (JASPERS, 1967, p.342)<sup>44</sup>.

Tal acepção pode ser prolongada para o âmbito da culpa que, segundo Jaspers, se mostra também de forma negativa: “se o mal reside em desejar, os homens são, pois, culpados em todos os casos: tanto se desejamos, tanto se não desejamos” (JASPERS, 1970, p.30)<sup>45</sup>. Na qualidade de ‘desejo existencial’, a culpa se traduz como a ‘insatisfação estrutural’ do existente, limitado a sua facticidade. Com isso, pode-se entrever que, no âmbito da existência, a ‘culpa’ traz consigo um aspecto negativo porque nasce da impossibilidade do existente realizar-se plenamente.

As experiências da culpa e da morte, configuradas de forma negativa, têm como componente essencial o que Jaspers chama de *naufrágio* ou *fracasso*<sup>46</sup>. Um limite definitivo, implicando aquilo que impede de alcançar, tal é o fracasso em Jaspers. Como ele mesmo diz: “fracasso é o lugar de um malogro” (JASPERS, 1987, p.20)<sup>47</sup>. Fracassa aí a existência. Não obstante, pode-se dizer que é justamente ao fazer a experiência do fracasso, das situações-limite, que o existente se coloca em condição de abertura para o horizonte que se encontra além dessas determinações.

Pode-se dizer que ao se confrontar com a precariedade da vida, o existente percebe a ‘condição humana’, pressuposto indispensável para superar a si mesmo enquanto *Dasein*. Tal situação mostra-se, portanto, decisiva para se entender o aspecto positivo do ‘fracasso’ ou ‘naufrágio’ em Jaspers. Ora, ao mesmo tempo em que o fracasso coloca o existente diante de

---

<sup>43</sup> Jaspers delimita outras situações-limite, que são analisadas, principalmente, na obra *Psicología de las concepciones del mundo*.

<sup>44</sup> JASPERS, Karl. *Psicología de las concepciones del mundo*. Editorial Gredos, 1967. Tradução nossa.

<sup>45</sup> JASPERS, Karl. *Cifras de la Transcendencia*. Madrid: Alianza Editorial, 1970. Tradução nossa.

<sup>46</sup> JASPERS, KARL. *Iniciação Filosófica*. Lisboa: Guimarães Editores, 1987.

<sup>47</sup> Ibid.

situações timbradas pela presença contínua dos limites e da sua impotência frente a eles, simultaneamente e, por outro lado, possibilita ao existente perceber a dimensão fundamental da sua existência. É, pois, nesse nível de realização que realiza ‘o salto para a outra margem’, como pontua Klimke (1961, p.816), na seguinte passagem:

Nessas situações-limite o homem é levado à própria fronteira de seu ser e colocado diante do nada. O homem experimenta que, em uma ordem puramente imanente, lhe é impossível realizar-se em plenitude. Aquele que quer fundamentar-se na imanência acaba em um total naufrágio (*das Scheitern*). Porém esse naufrágio da imanência é o que me tornará possível chegar à transcendência mediante o salto para a outra margem.

Como já esclarecemos, esse ‘salto’ não significa a superação real dos limites, pois não se trata nunca de um limite provisório, suscetível de ser transposto. Cabe lembrar que ‘limite’, na concepção de Jaspers, é o que caracteriza a existência, pois ele a determina e estrutura, e, por definição, é intransponível. Em compensação, todo limite implica a idéia daquilo de que separa, do que fica mais além. É limite porque nem tudo fica aquém dele. Pode-se dizer que é justamente isso que impele o existente a transcender a primeira impressão negativa dos limites e, assim, se colocar em condição de abertura para o horizonte que se encontra além dessas determinações.

Tal disposição consiste, portanto, na condição prévia para poder assegurar, mediante uma reflexão esclarecedora dos limites, o salto da ‘imanência para a transcendência’. Nesse nível, é possível afirmar que o fracasso aparece como o pressuposto indispensável para se realizar a experiência da transcendência. Nesse caso, trata-se, sobretudo, de uma experiência de superação, que não significa a superação ‘real’ dos limites, mas uma existência pautada no que estaria além desses limites. Como pontua o nosso autor: “enquanto não experimentou a sensação de ver-se soterrado e não optou por “passar além”, em direção à transcendência, o homem não é verdadeiramente ele próprio” (JASPERS, 1983, p.53)<sup>48</sup>.

Com base nisso, percebe-se que o aspecto determinante nesse processo é o confronto com as situações-limite. Ora, se as situações-limite permanecem veladas de alguma forma, o existente não realiza nenhuma experiência da transcendência. Jaspers compara-as a um muro contra o qual se embate, porque é da queda que o homem pode erguer-se novamente. O que possibilita afirmar que assumir livremente a sua ruína é a única forma do existente descobrir que essa ruína não é o fim, mas um novo começo. É, pois, nesse horizonte de superação que se edificam as cifras da transcendência na vida de cada existente.

---

<sup>48</sup> JASPERS, Karl. *Introdução ao pensamento filosófico*. 9.ed. São Paulo: Cultrix, 1983.

## 2.4 – O significado de transcendência

Este tópico é determinante para se alcançar o objetivo proposto, que é entender o ‘lugar’ das cifras da transcendência no pensamento jasperiano. Pode-se adiantar que as cifras se estabelecem como ‘intermediárias’ entre a existência e a transcendência. Delimitar, portanto, o significado de transcendência se estabelece de modo imprescindível para entender como se dá tal desdobramento. Para o momento, é importante salientar que na filosofia de Jaspers, a transcendência alberga dois significados distintos, mas interdependentes.

Refere-se, por um lado, ao que está além da realidade objetiva, pois ‘excede’ os limites da experiência empírica. E, por outro, é usada para indicar o movimento de ‘ultrapassar’, ‘saltar’, para além dos limites que determinam a existência humana<sup>49</sup>. Nessa acepção, o filósofo toma a palavra para indicar o ‘movimento de transcendência’, que se realiza como uma ‘ascensão’ pensante do existente para além das situações-limite. Ou usando a sua própria terminologia, encontra-se vinculada à operação de ‘ultrapassar’ ou superar a si mesmo enquanto *Dasein*, e, dessa forma, o processo de orientação no mundo.

À transcendência, vista como o ‘âmbito’ que se encontra além do domínio do homem, não se pode aplicar nenhum predicado, pois não possui um atributo ou uma forma específica. Apresenta-se, assim, somente no horizonte de mistério e isso implica que, comparada à realidade no mundo, é ontologicamente tão distinta que se torna impossível não só mostrá-la como também demonstrá-la. Sua realidade tem que ser, portanto, de um caráter radicalmente diferente de toda realidade mundana. Porém, importa salientar que ao afirmar esta realidade distante e oculta da transcendência, Jaspers não supõe que existem duas realidades separadas. Mas, antes, afirma que se tem uma única realidade pautada no diverso.

Tal imbricamento já foi claramente analisado no capítulo anterior quando delimitamos os modos do envolvente. Pode-se vislumbrar que, na concepção de Jaspers, a transcendência, a existência, o mundo, são modalidades do envolvente, cada qual com uma particularidade específica, mas pertencendo a uma mesma ‘realidade’: são modos de manifestação do envolvente. Portanto, o que se estabelece de forma decisiva é se o existente chega a estar seguro da transcendência como uma modalidade de manifestação do ‘envolvente’ ou se permanece na imanência com a certeza de que não existe nenhuma outra base que transcenda a orientação no mundo.

---

<sup>49</sup> Pode-se observar nos textos em alemão, que Jaspers utiliza o termo *Transzendenz*, para indicar o que se encontra além dos limites humanos e *Transzendieren* como um ‘ato de transcender’ esses limites.

Isso mostra que somente o existente poderá decidir se é a transcendência que se sobressai da imanência ou se é a imanência que permanece sobrepujando a transcendência. Tal decisão é determinante para se pensar a experiência da transcendência na filosofia jasperiana. Ora, somente a partir daí o existente poderá estabelecer, não o conhecimento da transcendência, mas a decifração dos sinais cifrados da transcendência. Não significa, contudo, tomar a cifra pela transcendência mesma. Isso porque a transcendência não se ‘desvela’ em hipótese alguma, mas deixa um rastro, uma indicação do seu significado no mundo. Como mostra o nosso autor: “Esta transcendência que não conhecemos e com a qual estamos em relação, em virtude de nossa liberdade, a imaginamos ou pensamos a partir das cifras. Mas as cifras nunca são a transcendência mesma” (JASPERS, 1970, p.57)<sup>50</sup>.

Com isso, pode-se adiantar que as cifras da transcendência se apresentam como a tomada de consciência da impossibilidade de se ‘apreender’ a transcendência em toda a sua dimensão. E se revelam, ao mesmo tempo, como o terreno de abertura para transcendência, que permanece, contudo, na sua singularidade, na sua distância e no seu mistério. Nesse sentido, é importante entender que a decifração dos sinais cifrados da transcendência coloca o existente em condição de realizar uma possível ‘vivência’ da transcendência, embora não possibilite o conhecimento da transcendência mesma. Isso porque, como já salientamos, a transcendência nunca se faz objeto para a consciência.

Dessa maneira, cabe pensar numa experiência pontual tomada em sua brevidade, pois ela devolve no mesmo instante o existente às suas limitações, as quais transcendeu por um momento. Ora, se por um lado a ‘vivência’ das cifras permite uma experiência da transcendência, por outro lado traz consigo o horizonte do fracasso humano, pois o existente nunca ‘abarca’ a transcendência mesma. Logo, a chave de compreensão para se pensar a experiência da transcendência no pensamento jasperiano é, pois, colocar o horizonte do fracasso como parte integrante dessa ‘vivência’. Segundo Jaspers, o existente se perde quando aspira a libertar-se das suas situações limitantes, ou seja, quando crê possuir, conhecer ou viver a transcendência sem o insucesso:

A pergunta sobre o que é a transcendência não apresenta resposta alguma que se pautem em um possível conhecimento da transcendência. A resposta, porém, surge indiretamente ao esclarecer o caráter aberto do mundo, o caráter inconcluso do homem, e o universal fracasso (JASPERS, 1953, p. 268)<sup>51</sup>.

<sup>50</sup> JASPERS, Karl. *Cifras de la Transcendencia*. Madrid: Alianza Editorial, 1970. Tradução nossa.

<sup>51</sup> JASPERS, Karl. Balance y perspectiva. In: *Mi camino a la filosofía*. Madrid: Revista de Occidente, 1953. Tradução nossa.

A relação entre a existência e a transcendência vista sob esta ocular é determinante para se compreender o pensamento jasperiano sobre Deus. Aqui, importa salientar que a transcendência, nas suas obras tardias, é designada por Deus<sup>52</sup>. Mas, tal como a transcendência, deve-se pensar num Deus oculto, que não se revela, mas se faz patente de maneira indireta ao homem, mais precisamente a partir dos ‘sinais cifrados’. Percebe-se com isso que Jaspers não quer se pronunciar contra Deus, mas contra a pretensão humana de representar Deus. Como é possível verificar na seguinte passagem: “algo tão inapreensível e inimaginável só pode fazer-se acessível nas cifras, ainda que de maneira distinta” (JASPERS, 1968, p.220)<sup>53</sup>.

Percorrendo esse fio condutor poderíamos afirmar que, no sentido de ‘existir’ da realidade empírica, Deus não existe. Toda e qualquer investigação sobre Deus permanecerá sempre sem objeto. Contudo, é importante sobressaltar que, para o nosso autor, negar a revelação de Deus no mundo não implica necessariamente negar a existência de Deus, mas indicar um outro caminho para se pensar a manifestação de Deus no mundo. Como escreve:

Desde de sempre Deus foi pensado em configurações da existência no mundo até à configuração de uma personalidade que por analogia com o homem. Todavia, todas essas representações são sempre um véu. Deus não é o quer que seja que possamos visualizar (JASPERS, 1987, p.44)<sup>54</sup>.

Nesse caso, é possível dizer que a intenção de Jaspers é pontuar que Deus, enquanto ‘realidade transcendente’, não é, em nenhum aspecto, algo que se possa conhecer, pois não se faz objeto para a consciência. Isso implica viver de tal modo que se ‘ouse’ crer na transcendência, pois não temos ‘alguém’ em quem confiar e nenhum mandamento divino, mas, tão-somente a atitude interior de cada existente que busca, nas cifras, um sentido para sua ‘condição humana’.

Essa atitude é designada por Jaspers de fé filosófica. Uma fé que não se estabelece como um saber de validade universal, mas tão-somente como uma experiência pessoal da fé

---

<sup>52</sup> Pode-se verificar tal designação principalmente nas obras: *Iniciação Filosófica* (1950), *La fe filosófica ante la revelación* (1962) e *Cifras de la Transcendencia* (Obra póstuma – 1970)

<sup>53</sup> JASPERS, KARL. *La fe filosófica ante la revelación*. Madrid: Editorial Gredos, 1968. Tradução nossa.

<sup>54</sup> JASPERS, Karl. *Iniciação filosófica*. Lisboa: Guimarães Editores, 1987.

na vontade da fé. Como ressalta: “Fé é o ato da existência em que se adquire a consciência da transcendência em sua realidade” (JASPERS, 1953, p.20)<sup>55</sup>.

Depreende-se disso que a fé filosófica se estabelece como uma experiência intrinsecamente individual. Isso porque não se vale de revelação alguma e nem de anúncios revelados. Pode-se dizer que ela se efetiva como a convicção íntima de que apesar da precariedade humana é possível realizar uma experiência da transcendência. Assim esclarece J. Hersch (1982, p.9), intérprete da filosofia jasperiana:

A fé filosófica, diz Jaspers, é uma experiência inaudita. Nenhuma comunidade organizada dela se vale, nenhuma força social objetiva a apóia (...). Quem a viver ficará no meio dos outros, entregue a sua solidão e precariedade, tendo como único apoio a claridade da convicção íntima e a permuta com os outros grandes filósofos do passado.

Nesse nível de realização, é possível observar o sentido da distinção de fundo que reaparece continuamente nos textos de Jaspers entre fé na revelação e fé filosófica. Segundo o nosso autor, a fé revelada, confirmada e garantida pela autoridade eclesiástica, não está vinculada unicamente na confiança em Deus, mas também em seu enviado a terra, Jesus, o Cristo. Nesse sentido, a fé revelada pauta-se também no anúncio de salvação proclamado por Jesus, Filho de Deus.

Pois bem, se a característica fundamental da fé revelada é uma ‘certeza’, que implica em si uma garantia, a fé filosófica, por outro lado, não pode ter essa garantia, pois não se apóia em nenhuma autoridade externa. Daí ser possível dizer que estas duas dimensões se distanciam uma da outra unicamente pela vivência específica que elas imprimem. Como explica Jaspers: “Para a fé revelada, aquela (a transcendência ou Deus) é o outro que chega desde fora e cuja garantia a proporciona sua realidade sensível no mundo, em igrejas santas, em objetos, ações, pessoas ou escritos canônicos” (JASPERS, 1968, p.567)<sup>56</sup>. Diferentemente da fé revelada, a fé filosófica só experimenta a transcendência em seu ocultamento. Isso evidencia que somente o existente, a partir de uma ‘convicção’ interior, poderá realizar uma experiência da transcendência. Nesse sentido, pode-se dizer que a fé filosófica se configura como a ‘substância’ de uma vida pessoal.

Com base nisso, é possível dizer que a intenção de Jaspers é mostrar, sobretudo, que

---

<sup>55</sup> JASPERS, Karl. *La fé filosófica*. Buenos Aires: Editorial Losada, 1953. Tradução nossa.

<sup>56</sup> JASPERS, KARL. *La fe filosófica ante la revelación*. Madrid: Editorial Gredos, 1968. Tradução nossa. Comentário entre parênteses é nosso.

no âmbito da sua filosofia da transcendência, só é possível pensar numa experiência da transcendência como um ato de decisão, de escolha, de convicção própria, enfim, de fé filosófica, que, por sua vez, não oferece nenhuma certeza que implique em si uma garantia da transcendência. Diante disso, poderíamos concluir esse capítulo dizendo que o pensamento acerca da transcendência é, simultaneamente, um exemplo que ilustra o essencial do seu filosofar: não oferece a segurança do saber, mas confere à existência espaço livre para a decisão.



## CAPÍTULO 3 – AS CIFRAS DA TRANSCENDÊNCIA

### 3.1 – O conteúdo das cifras

Nesse capítulo, pretende-se traçar uma chave de compreensão para o estatuto da experiência da transcendência no pensamento jasperiano. Para tanto, buscaremos identificar e compreender como se estabelece, efetivamente, a ‘comunicação’ entre a existência e a transcendência. Ora, o que se pode saber da transcendência, o que determina a sua estrutura, é o fato de não se fazer objeto de investigação. Encontra-se, portanto, oculta e inacessível à existência humana. Nesse nível de realização, torna-se relevante e imprescindível esclarecer de que forma o filósofo pensa numa possível experiência da transcendência, sendo esta, por definição, inapreensível.

Pode-se dizer que Jaspers encontra a solução para essa problemática partindo do pressuposto de que somente a partir de ‘sinais cifrados’ torna-se possível realizar uma experiência da transcendência. Isso evidencia, desde já, um aspecto determinante do seu pensamento: a relação entre a existência e a transcendência ocorre por mediação, ou seja, só se efetiva através de sinais cifrados presentes no mundo. Nesse nível, é possível observar que, se por um lado Jaspers afirma a possibilidade de se pensar a relação do homem com a transcendência, por outro lado não contradiz o ponto chave de sua fundamentação teórica, que é a impossibilidade de se apreender a transcendência na dimensão sujeito-objeto.

Sob esta ocular, delimitar o conteúdo das cifras, ou seja, identificar e compreender como são constituídos esses ‘sinais cifrados da transcendência’, mostra-se determinante para entender como a transcendência se faz presente para o homem. Para tanto, assumimos como ponto de partida de nossa investigação a obra *Introdução ao pensamento filosófico*, pois nela Jaspers desenvolve um conceito que, de certa forma, introduz o que posteriormente designa como cifra. Nessa obra, o filósofo estabelece uma reflexão sobre os ‘enigmas’, que constituem, como ele afirma, a “língua da transcendência” (JASPERS, 1983, p.113)<sup>57</sup>.

Segundo Jaspers, os enigmas são os ‘sinais’ ou ‘mensagens’ da transcendência no mundo. Contudo, salienta que esses enigmas só se apresentam para o existente que percebe, no fracasso inerente a sua ‘condição humana’, a possibilidade de superação. Pode-se dizer que diante do fracasso o existente ainda acredita num sentido que procura ler no próprio fracasso,

---

<sup>57</sup> JASPERS, Karl. *Introdução ao pensamento filosófico*. 9.ed. São Paulo: Cultrix, 1983.

como uma ‘mensagem cifrada’. Desse fracasso, Jaspers vê, portanto, a condição de abertura para a leitura dos enigmas da transcendência. Como escreve: “vemos nos enigmas a linguagem de todas as coisas, talvez ambígua e fluída, mas proclamando que o fim não é necessariamente o desespero” (JASPERS, 1983, p. 112)<sup>58</sup>.

Com isso, quer-se mostrar que os enigmas da transcendência constituem, por assim dizer, o caminho que ‘liga’ o homem à transcendência. Assim, ao mesmo tempo em que retira a transcendência do horizonte da objetivação, o filósofo estabelece um ‘meio’ que possibilita a ‘comunicação’ entre o homem e a transcendência, sem, com isso, torná-la objeto para a consciência. Isso equivaleria a ‘personificar’ a transcendência e, assim, se contrapor aos pressupostos fundamentais da sua filosofia.

Eis aí o ponto chave do pensamento jasperiano: se a transcendência é inatingível pelo conhecimento, se não é possível falar a seu respeito de forma objetiva, só nos resta perscrutar, decifrar os seus enigmas. É, pois, nessa perspectiva que Jaspers estabelece as cifras da transcendência. Tal como os enigmas, pode-se entender as cifras, de forma introdutória, como os ‘sinais’ da transcendência que precisam ser decifrados pelo existente<sup>59</sup>. Isso porque apesar de se manifestarem no mundo, encontram-se ‘veladas’ pela objetividade das coisas.

Isso indica que a cifra só passa a existir como ‘veículo’ para a transcendência na medida em que o existente transcende, por assim dizer, a objetividade das coisas. É, pois, nesse nível de realização que estabelece, não o conhecimento da transcendência, mas uma ‘vivência’ dos seus sinais cifrados presentes no mundo. Nessa vivência passa, então, a atribuir um significado para a transcendência. Diante disso, Jaspers afirma que: “vivemos num mundo de enigmas, onde o que é ‘autêntico’ deveria revelar-se a nós, mas não se revela e permanece oculto na interminável variação das significações” (JASPERS, 1983, p.113)<sup>60</sup>.

Contudo, é importante fazer notar que tais significações não são a dos símbolos, pois não pressupõem o objeto significado. Nesse caso, cabe pensar na dicotomia sujeito/objeto, como já vimos anteriormente, mas, antes, numa relação específica que não se reduz unicamente a um estímulo físico. Tal desdobramento pode ser vislumbrado de forma mais clara a partir da distinção que o nosso autor faz entre signo, símbolo e cifra:

O signo é a significação de um outro, enquanto tal acessível imediatamente. O

---

<sup>58</sup> JASPERS, Karl. *Introdução ao pensamento filosófico*. 9.ed. São Paulo: Cultrix, 1983.

<sup>59</sup> Percebe-se com isso que o nosso autor utiliza essas duas terminologias para designar a mesma coisa: constituem esse ‘algo’ mediante a qual nos relacionamos com a transcendência.

<sup>60</sup> JASPERS, Karl. *Introdução ao pensamento filosófico*. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 1983.

símbolo é a presença de um outro em plenitude intuitiva, na qual o significante e o significado são inseparáveis um do outro, estando o simbolizado unicamente presente no símbolo. A cifra é a linguagem do transcendente, acessível somente através da linguagem e não no símbolo mesmo, por meio da identidade de coisa e símbolo (JASPERS, 1968, p. 155)<sup>61</sup>.

Com essa distinção pode-se perceber que a cifra se distingue, em seu conteúdo e em sua estrutura, de um símbolo e de um signo por não se referir a nenhum objeto, imagem ou fenômeno presente no mundo. Diferentemente do signo que representa ou substitui uma outra coisa diferente dele, no caso, um objeto, forma ou fenômeno que pode ser conhecido objetivamente, e dos símbolos, que também se associam aos objetos por convenções especiais, as cifras não apontam ou não significam nada presente no mundo. Isso porque não existe, na relação entre a existência e a transcendência, objeto passível de conhecimento, ou melhor, um símbolo ou signo que, enquanto tal, denota ‘algo’ visível e objetivamente compreensível.

Entendemos, contudo, que o importante no processo de identificação e decifração dos sinais cifrados da transcendência é que o existente entre em ‘comoção’. Ou seja, que se sinta afetado de alguma forma por alguma ‘representação’ no mundo. Isso porque a cifra só pode ser decifrada quando o existente se entrega a ela, dando-lhe um significado que, necessariamente ultrapassa a dimensão objetiva das coisas. Como esclarece Perdigão (2001, p. 552), intérprete do pensamento jasperiano: “A seu modo tudo fala ou exprime algo que não pode se definir e, na qualidade de cifra, fará desaparecer a opacidade da sua matéria, conquistando a sua transparência em relação à transcendência”.

Nessa perspectiva, é possível dizer que nada há que não seja ou não possa ser cifra da transcendência, ou enigma da transcendência, seja uma paisagem, uma poesia, um conhecimento, uma situação. Todas essas representações, quando significados pelo existente como sinais cifrados da transcendência, perdem o seu caráter objetivo e podem, num instante, ‘converter-se’ em experiência da transcendência. Isso evidencia um aspecto determinante da sua filosofia da transcendência: com o advento das cifras pode-se perceber que a transcendência não representa, de forma alguma, uma linha de evasão do mundo concreto da experiência. Ao contrário, é por causa dela e voltada para ela que o existente realiza a leitura dos sinais cifrados presentes no mundo.

Com isso, cabe pensar numa ‘transcendência imanente’, ou seja, numa transcendência que está oculta e por isso não pode ser demonstrada, mas, ao mesmo tempo,

---

<sup>61</sup>JASPERS, Karl. *La fe filosófica ante la revelación*. Madrid: Editorial Gredos, 1968. Tradução nossa.

clarifica-se na realidade das cifras. Isso mostra que a experiência da transcendência não se dá de forma independente do mundo. Antes, somente em relação ao mundo, aos objetos presentes no mundo, o existente poderá romper a ‘solidez’ da uma manifestação meramente objetiva para fazer ‘transparente’ a transcendência.

Sob esta perspectiva, pode-se traçar uma chave de compreensão para a seguinte afirmação de Jaspers: “Orientamos os nosso pensamento para a transcendência por meio de objetos que chamamos de cifras” (JASPERS, 1968, p. 151)<sup>62</sup>. Ora, como já delimitamos, as cifras estão presentes no mundo como um objeto qualquer, em função ou perspectiva espacial. Porém, ao serem significadas pelo o existente perdem o seu caráter meramente ‘figurativo’ para dar lugar à experiência da transcendência.

Isso evidencia que a cifra e sua interpretação só poderá ser proposta pelo existente que a ‘decifra’. Ou seja, um objeto determinado, uma situação-limite, só receberá a eficácia de ‘escrita cifrada’ de uma existência aberta para a transcendência e sua possível linguagem no mundo. Tal dimensão pode ser corroborada com a seguinte afirmação de Jaspers: “As cifras não podem ser conhecidas e, nesse sentido, o que se pensa delas é visão e interpretação (...). Sua verdade está em relação com a existência: as atrações que a transcendência exerce sobre a existência se tornam nelas linguagem” (JASPERS, 1968, p.151)<sup>63</sup>.

Não obstante, o nosso autor acrescenta um dado importante: somente a atividade filosófica poderá dar expressão às nossas relações existenciais com a escrita cifrada. Segundo ele, por se tratar de uma experiência individual e intransferível, deve-se pensar a relações de cada existente com as cifras como um ‘saber esclarecedor’, ou seja, como um saber que não possui, desde logo, validade geral como os conhecimentos científicos. Isso porque o modo de relação entre a existência e a transcendência não ocorre de forma unívoca, mas antes, está necessariamente vinculado ao processo mesmo de existir.

Percebe-se com isso que só é possível pensar num esclarecimento filosófico das cifras como um ‘saber’ que está sempre em processo de realização. Ora, somente o existente, em sua vivência, poderá realizar uma decifração/interpretação das cifras. Isso mostra, sobretudo, que não é possível elaborar um estudo que tenha como objetivo empreender a tarefa de fixá-la em um conceito, pois, efetivamente, são realizações existenciais, que não ‘toleram’ fixação sem extinguir-se totalmente. Necessitam, portanto, da imprecisão para permanecer ‘vivas’, como salienta o nosso autor: “falar em cifras é filosoficamente verdadeiro

---

<sup>62</sup> JASPERS, Karl. *La fe filosófica ante la revelación*. Madrid: Editorial Gredos, 1968. Tradução nossa.

<sup>63</sup> Ibid. Tradução nossa. Grifo nosso.

unicamente enquanto que permanecem no âmbito da imprecisão (*schwebend*)” (JASPERS, 1968, p.199)<sup>64</sup>.

Nesse nível, é possível afirmar que a função das cifras é, antes, indicar, sinalizar em direção à transcendência, mas nunca com um único modo de compreensão. Como pontua Jaspers: “Os conteúdos pensados e intuídos ficam despojados de sua realidade objetiva. E em vez de realidades palpáveis e compactas, ficam convertidos em cifras e submetidos à incessante variação das interpretações” (JASPERS, 1968, p.152)<sup>65</sup>. Daí a importância de guiar-se por critérios que considerem principalmente o caráter existencial das cifras. Percebemos, contudo, que no pensamento das cifras surge um equívoco quando se decide como realidade objetiva o que só se estabelece como realidade da existência.

### 3.2 – A estrutura das cifras

Numa passagem da obra *La fe filosófica ante la revelación*, Jaspers afirma que: “as cifras não falam para o entendimento que se pauta em experiências ‘reais’, sensíveis e cabíveis de serem comprovadas, mas somente para a existência possível, na qual mediante esta linguagem, se comunica com a transcendência” (JASPERS, 1968, p.157)<sup>66</sup>. Tal passagem sintetiza muito bem o tópico anterior, pois pontua que as cifras, por definição, não aumentam o conhecimento da transcendência, mas, antes, se estabelecem como ‘linguagem’ da transcendência. É, pois, com base nisso que procuraremos esclarecer como se estruturam as cifras na vida do existente. Nosso objetivo nesse tópico é delimitar, sobretudo, quais as realidades que poderão ter para a existência a eficácia de uma ‘cifra da transcendência’.

Como já salientamos, a transcendência só se faz patente para o existente que assume a subjetividade diante do mistério. Isso implica que não temos uma adequação entre aquele que conhece e aquilo que é conhecido, mas tão-somente ‘sinais enigmáticos’ da transcendência que, necessariamente, precisam ser identificados e desvelados para que se tornem um ‘veículo’ para a transcendência. Esse processo, contudo, só se efetiva de maneira individual, no interior de cada existente. Ora, uma determinada situação ou um objeto qualquer no mundo só se torna cifra da transcendência quando o existente transcende o seu significado imediato e decifra o sinal ali presente. Não se estabelece, assim, uma experiência

---

<sup>64</sup> JASPERS, Karl. *La fe filosófica ante la revelación*. Madrid: Editorial Gredos, 1968. Tradução nossa.

<sup>65</sup> Ibid. Tradução nossa.

<sup>66</sup> Ibid. Tradução nossa.

que possa se tornar objeto de conhecimento.

Contudo, cabe salientar que a eficácia de um sinal cifrado da transcendência só se efetiva na medida em que o existente decodifica esses sinais como ‘mensagens’ da transcendência, e não como a transcendência mesma. Isso porque, se por um lado Jaspers pensa a possibilidade de ‘comunicação’ entre o homem e a transcendência, por outro lado pontua a distinção radical entre esse ‘ocorrer’ da transcendência e a manifestação da transcendência no mundo.

Ora, diferentemente da tradição cristã que se apropria de uma revelação e, assim, de um anúncio de salvação proclamado por Jesus, o Cristo, a transcendência só se manifesta enquanto cifra e, assim, no horizonte de mistério. É, pois, pensando e questionando esse ‘ocorrer’ da transcendência na forma de sinais cifrados, que Jaspers lança uma nova luz sobre a relação entre o homem e Deus. Segundo o nosso autor, no horizonte da transcendência cabe pensar unicamente num ‘Deus-cifra’: um Deus oculto, que ‘ocorre’ unicamente na forma de sinais cifrados. E isso se efetiva porque a existência de Deus indica algo que o homem simplesmente não alcança e não compreende nunca.

Não obstante, cabe perguntar ao nosso autor se a falta de imagem da transcendência ou de Deus não anularia a própria transcendência. Para responder a esta questão valemo-nos das suas próprias palavras: “Perceber a importância do homem ‘ancorada’ no próprio Deus como enigma revigora a consciência. Assim, a mensagem permanece mesmo após desaparecida a presença” (JASPERS, 1983, p.108)<sup>67</sup>. Tal passagem pontua, de forma decisiva, a concepção de Jaspers sobre a manifestação de Deus ou da transcendência no mundo. Pode-se perceber que, na concepção do filósofo, a falta de imagem da transcendência corresponde à própria realidade da transcendência, pressuposto fundamental para se pensar o âmbito das cifras.

Entende-se com isso que identificar/decifrar uma cifra da transcendência implica a exigência de chegar, através de tais cifras, àquilo que é mais que, por exemplo, personalidade, e em si mesmo não se manifesta de forma alguma. Nesse nível, pode-se dizer que Jaspers resguarda a dimensão ‘oculta’ da transcendência. Ao mesmo tempo, estabelece o ‘ponto de interseção’ entre a realidade objetiva do homem e a realidade inobjetiva da transcendência. É, pois, sob esta ocular que ele estrutura o âmbito das cifras, que, como já foi pontuado, só se efetiva se não estiverem ‘enganadas’ pela ‘corporeidade’ da transcendência:

---

<sup>67</sup> JASPERS, Karl. *Introdução ao pensamento filosófico*. 9.ed. São Paulo: Cultrix, 1983.

O que foi corporeidade dos deuses tornou-se enigmas (cifras). À clara luz dos enigmas temos a possibilidade de encontrar nosso caminho, o caminho dos picos inacessíveis. Contudo, o conhecimento de uma infinidade de mitos não nos instrui a respeito deles. E as interpretações psicológicas desagregam. Só a existência existencial desvenda o significado dos enigmas (JASPERS, 1983, p.115)<sup>68</sup>.

Dessa maneira, é importante ter em vista que as cifras não representam, por assim dizer, uma ‘imagem’ da transcendência. Isso porque não temos imagens da transcendência no mundo, mas tão-somente sinais que deixam um ‘rastro’ do seu significado. Cabe ao existente percorrer este rastro e decifrar os seus sinais. Tal dimensão nos leva a pensar na ‘radicalidade’ como nota essencial da ‘teoria’ das cifras. Radicalidade esta expressa principalmente na possibilidade de se ‘aproximar’ da transcendência, sem, com isso, colocá-la na dimensão da objetividade.

A partir daí é possível esclarecer a questão levantada no início desse tópico, a saber, quais as realidades poderão ter a eficácia de um sinal cifrado da transcendência. Ora, se a transcendência não pode ser apreendida objetivamente, se não pode ser conhecida na dimensão sujeito/objeto, cabe unicamente ao existente identificar e decifrar os enigmas ou sinais cifrados da transcendência deixados no mundo, que passam a existir no momento mesmo em que são significados enquanto tais. Como salienta o nosso autor: “a nós homens, só nos resta escutar uma linguagem de enigmas na qual está incluído o enigma Deus (...). Quando os enigmas se tornam inaudíveis, tudo se faz escuro e desolado em torno de nós” (JASPERS, 1983, p.114)<sup>69</sup>.

Isso pontua que cada existente, em sua singularidade, percebe, experimenta, vive a transcendência a sua maneira, interpretando e reinterpretando os sinais cifrados. É, pois, sob esta ocular que Jaspers propõe uma releitura da vida de Jesus, diferentemente da tradição cristã. Ao retirar o foco centrado na idéia de Jesus enquanto ‘Messias’, promulgada pelo cristianismo, Jaspers examina-o como grande personalidade. Nesse caminho, propõe uma leitura existencial da sua vida, sobretudo, como aquela expressão que põe o homem diante de uma situação extrema e, assim, no horizonte do fracasso e da sua possível superação.

Tal interpretação pode ser vislumbrada principalmente na obra *Os grandes filósofos*<sup>70</sup>, onde o filósofo distingue da história da humanidade quatro personalidades decisivas na construção e formação de concepções que influenciaram toda a humanidade. São

<sup>68</sup>JASPERS, Karl. *Introdução ao pensamento filosófico*. 9.ed. São Paulo: Cultrix, 1983.

<sup>69</sup>Ibid.

<sup>70</sup> JASPERS, Karl. *Los grandes filósofos*. In: *Los hombres decisivos: Sócrates, Buda, Confúcio, Jesús*. Tradução de Pablo Sómon. 2º ed. vol 1. 1957.

eles: Sócrates, Buda, Confúcio e Jesus. Segundo ele, esse grupo está composto por homens que, pela sua existência, influenciaram decisivamente a história da humanidade como outros não souberam fazer. Por isso devem ser vistos, sobretudo, como ‘personalidades decisivas’. Ressalta também que tiveram um significado extraordinário para a filosofia, na medida em que possibilitaram inúmeras interpretações sobre o homem, o mundo e a transcendência.

Partindo desse pressuposto, pode-se dizer que Jaspers não proclama a existência de Jesus como Filho enviado de Deus. Mas, antes, observa a dimensão existencial da sua vida e de seus projetos como ponto de partida para se pensar a transcendência. Ora, para o nosso autor, ao vivenciar o horizonte do fracasso, da limitação e da sua conseqüente superação, Jesus mostra, por assim dizer, a possibilidade de transcender a nós mesmos e as nossas determinações. E isso se efetiva na medida em que são decifradas as suas mensagens implícitas na sua história. Como pontua Jaspers: “Jesus não deixou um sistema delineado segundo coordenadas lógicas, mas só um anúncio expresso em sinal. Com efeito, ele não viveu na realidade do mundo, mas na plenitude do sinal” (JASPERS, 1968, p.176)<sup>71</sup>.

Nesse sentido, pensar a figura de Jesus como uma abertura para a transcendência só é possível no horizonte das cifras. Ou seja, a partir de uma decifração do seu anúncio, torna-se possível realizar uma experiência da transcendência, sem, com isso, emprestar ao homem Jesus o caráter de representante de Deus no mundo. A partir daí, pode-se compreender porque, efetivamente, Jaspers não aceita a concepção de Jesus considerado como ‘Cristo’ no sentido da segunda pessoa da Trindade, e muito menos aceita a Igreja como corpo místico de Cristo. Entendemos que, com o advento de ‘Jesus-cifra’, Jaspers quer mostrar que Deus feito homem, Cristo, é impossível filosoficamente, enquanto que Jesus, como cifra de caráter singular, pode fazer-se compreensível como linguagem da transcendência<sup>72</sup>.

Diante disso, é possível afirmar que a filosofia da transcendência de Jaspers inaugura um novo paradigma na relação entre o homem e Deus, traçado principalmente pelo âmbito das cifras. Na concepção do filósofo não é possível pensar em revelação alguma e nem ‘personificação’ de Deus no mundo, mas tão-somente sinais ou vestígios da transcendência que precisam ser rastreados e decifrados por cada existente em sua particularidade.

Perceber e esclarecer como Jaspers pensa esta ‘vivência’ é, pois, o eixo fundamental de nossa pesquisa. Espera-se que até esse momento tenha sido possível identificar os dois pontos principais das cifras que são o seu conteúdo e a sua estrutura. Isso porque são

<sup>71</sup> JASPERS, Karl. *La fe filosófica ante la revelación*. Madrid: Editorial Gredos, 1968. Tradução nossa.

<sup>72</sup> A obra *Cifras da Transcendência* mostra-se determinante para se aprofundar tal problemática, particularmente em relação a cifra-Deus e a cifra-Jesus.



esclarecimentos necessários para se entender em que sentido Jaspers fala de ‘linguagem cifrada da transcendência’.

### **3.3 – Linguagem cifradas da transcendência**

Neste terceiro e último momento, buscaremos perscrutar em que sentido Jaspers fala de ‘linguagem cifrada da transcendência’. Compreender como se estabelece esse tipo de linguagem mostra-se determinante, pois, efetivamente, a transcendência não se manifesta de forma alguma no mundo. Como, então, pode-se pensar numa ‘comunicação’ entre a existência e a transcendência?

Para esclarecer essa questão, devemos ter em vista os vários aspectos que compõem a linguagem. Isso porque a linguagem cifrada da transcendência se configura como uma ‘linguagem enigmática’, e, assim, como dotada de uma particularidade distinta das outras modalidades de linguagem que se estabelecem no cotidiano. Em vista disto, cabe salientar que os estudos referentes aos aspectos formais da linguagem oferecem diferentes abordagens para o fenômeno lingüístico. Afirmam, por exemplo, que a linguagem ordinária é formada por um sistema de signos usados para indicar coisas, para a comunicação entre pessoas e para a expressão de idéias ou sentimentos.

Nesse caso, colocam em evidência os ‘caracteres’ que compõe a comunicação, como a associação entre uma idéia representativa – o significado – e a parte material e perceptível por meio do qual se expressa a idéia a ser comunicada – o significante. Sublinha-se, portanto, que para uma efetiva comunicação é preciso que os sinais se tornem mensageiros comunicantes, ou seja, que sejam capazes de representar uma idéia para alguém. E isso só é possível porque outro alguém empregou esse sinal com a intenção de transmitir um significado.

Nessa acepção de linguagem como um instrumento de comunicação entre os homens, mostra-se decisiva a modalidade de discurso apofântico, que pressupõe, sobretudo, a referência ou representação de um objeto ou algo que tem existência concreta no mundo. Aqui, o sinal utilizado como elemento de linguagem estabelece um significado comum e, portanto, compartilhado.

Contudo, é importante salientar que essa modalidade de discurso exclui, decididamente, as outras modalidades lingüísticas que não podem ser reconduzidas ao modelo apofântico. Como é o caso da linguagem cifrada da transcendência, pois, decididamente, não diz algo sobre uma determinada coisa ou um estado de coisas. Isso, porém, não implica a

impossibilidade de estabelecer uma investigação bem fundamentada sobre esse âmbito. Ao contrário, para a devida compreensão da linguagem das cifras, torna-se relevante ter em vista que existem diversos sentidos de linguagem.

Ora, a linguagem da transcendência e a linguagem entendida como instrumento de comunicação entre os homens não podem ser compreendidas como se fossem a mesma coisa. Entre o sentido de ambas existe uma diferença pontual. No caso da linguagem ordinária, para que haja comunicação entre os homens, necessita-se tanto daquele que fala ou emite uma mensagem quanto daquele que recebe e partilha os mesmo códigos de linguagem. Nesse nível, se estabelece, sobretudo, a associação entre o significante, que corresponde ao estímulo físico ou a parte perceptível do signo, e o significado, que é a idéia que se associa a um significante.

Na linguagem cifrada, por sua vez, ocorre um caso específico de comunicação, pois não temos aquele que fala ou transmite uma mensagem, mas tão-somente sinais enigmáticos, que, enquanto tal, não representam uma idéia determinada e nem pressupõem um outro alguém que tenha empregado esse sinal com a intenção de transmitir um significado. Pode-se dizer que a associação de um significado ao sinal cifrado da transcendência é edificada unicamente por cada existente no momento mesmo em que vivencia as cifras. Com isso, quer-se mostrar que cada existente, de forma particular, identifica e decifra à sua maneira a linguagem das cifras. Como esclarece Jaspers: “a atração que a transcendência exerce sobre a existência se torna nela linguagem” (JASPERS, 1968, p.151)<sup>73</sup>.

Nesse sentido, mostra-se inadequada uma investigação que pretenda definir e/ou estabelecer um modelo lingüístico para a linguagem cifrada da transcendência. Esta, por sua vez, só se efetiva enquanto linguagem enigmática: uma linguagem criada e decodificada no instante mesmo em que é vivenciada por cada existente em sua particularidade. Tal desdobramento evidencia que as cifras ocorrem somente para a existência que as escuta e as decifra. Como escreve Queiruga (1994, p.471), estudioso do pensamento jasperiano: “Nesse tipo de linguagem necessitamos tão-somente da frescura do olhar, da capacidade de maravilhar-se”.

Cabe, portanto, unicamente ao existente identificar esse tipo de linguagem, pois uma cifra somente se deixa traduzir quando somos sensíveis a ela e o que ela ‘esconde’ sob sua figura. Sob esta ocular, pode-se, de certa forma, colocar as cifras na mesma conjuntura das ‘esfinges’, que estrangula quem não adivinhar seus enigmas. Isso se efetiva porque, quando

---

<sup>73</sup> JASPERS, Karl. *La fe filosófica ante la revelación*. Madrid: Editorial Gredos, 1968. Tradução nossa.

nos deparamos com uma cifra, ou nos entregamos a elas certos da possibilidade de chegar à transcendência, ou então recuamos, certos também que não existe nada além da realidade no mundo.

Com isso, quer-se mostrar que a linguagem cifrada se configura, antes, como à atualização de uma relação que preserva a dimensão do mistério. Ora, as cifras, com efeito, não comunicam nada sobre a transcendência, pois não se estabelece, em hipótese alguma, um anúncio da transcendência mesma. Pode-se dizer que são as atitudes humanas envolvidas que delineiam o seu modo de expressão e articulação.

Conclui-se, portanto, que somente a existência situada poderá estabelecer uma chave de compreensão para a linguagem ‘enigmática’ da transcendência, como salienta o nosso autor na seguinte passagem: “algo que está mais além do homem, algo que não há no mundo como objeto, algo que denominamos linguagem das cifras” (JASPERS, 1970, p.38)<sup>74</sup>. O grande risco, porém, é permanecer diante dessa linguagem em posição de idolatria. Ora, Jaspers não cessa de criticar o desvio que consiste em tomar a cifra, ou até mesmo o seu significado e expressão, pela própria transcendência. Segundo ele, a cifra é reveladora precisamente porque não mostra algo de positivo, mas sim, negativamente, aquilo que não podemos ver. Somente nesse nível de realização o mistério daquilo que se oculta permanece e perdura na linguagem cifrada. Como escreve:

A linguagem das cifras se faz ‘real’ unicamente como uma linguagem que escutamos e contemplamos sensivelmente. Contudo, esta ‘realidade’ não é de alguém que fala, nem sequer uma relação entre cifra e significado. A cifra é linguagem, mas não de alguém que fala (JASPERS, 1968, p.186)<sup>75</sup>.

Com isso, é possível dizer que, efetivamente, o existente não se comunica com transcendência, pois, em lugar algum consegue a cifra, convertendo-se em linguagem, manifestar algo da transcendência. Pode-se dizer que a função da cifras é, antes, possibilitar ao existente se aproximar da transcendência, mas sem, com isso, se colocar no ‘lugar’ da transcendência. Mostra-se, portanto, como o ‘caminho’ que possibilita ao existente alcançar o seu objetivo maior, que é a realização de uma possível experiência da transcendência. Isso evidencia, por sua vez, a impossibilidade de ‘converter’, numa linguagem de compreensão universal a consciência que emerge a respeito da transcendência.

Segundo Jaspers, o importante no processo de ‘leitura’ dos sinais cifrados é que o

---

<sup>74</sup> KASPERS, Karl. *Cifras de la transcendencia*. Madrid: Alianza Editorial, 1970. Tradução nossa.

<sup>75</sup> JASPERS, Karl. *La fe filosófica ante la revelación*. Madrid: Editorial Gredos, 1968. Tradução nossa.

existente realize o ‘salto’ da apropriação da linguagem das cifras no mundo para uma vivência delas mesmas. Segundo ele, deve-se ter em vista que primeiramente as cifras se manifestam na ausência estética de compromisso com um imenso reino de significados. Posteriormente, participamos delas ao nos sentirmos afetados por elas mesmas. Isso mostra que a relação com as cifras é tal que, somente quando o homem se reconhece enquanto existência aberta para a transcendência, torna-se possível estabelecer uma efetiva decifração da linguagem cifrada.

Nota-se com isso que, na medida em que se aumenta o compromisso com a transcendência, eleva-se também a responsabilidade no trato com as cifras. Ora, o único caminho capaz de levar o existente a realizar uma possível experiência da transcendência é a partir de uma ‘devida’ interpretação/decifração da linguagem cifrada da transcendência. E isso pressupõe o aspecto oculto e inapreensível da transcendência e a possibilidade de comunicação mediada pelas cifras. A partir daí, pode-se então concluir esse tópico e este capítulo salientando que a ‘decodificação’ da linguagem cifrada possibilita edificar, individualmente, um significado para a transcendência. Não lidamos, portanto, com um significado universalmente válido, mas tão-somente com interpretações válidas. Como pontua o nosso autor: “O que se quer dizer (as cifras) não pode ser compreendido por meio de uma definição, mas experimentado na prática da comunicação” (JASPERS, 1968, p.187)<sup>76</sup>.

Isso evidencia o papel fundamental e determinante das cifras no processo de construção de um possível significado para a transcendência. Ora, se não é possível conhecer a transcendência objetivamente, caberá unicamente ao existente identificar e decifrar a linguagem cifrada da transcendência – pressuposto indispensável para uma compreensão válida da transcendência.

---

<sup>76</sup> JASPERS, Karl. *La fe filosófica ante la revelación*. Madrid: Editorial Gredos, 1968. Tradução nossa. Comentário entre parênteses é nosso.

## CONCLUSÃO

Estudar a filosofia jasperiana, como vimos no primeiro capítulo, é ater-se a uma multiplicidade de questões que perpassam necessariamente a existência humana. Percebe-se, contudo, que o ponto-chave de sua filosofia da existência encontra-se na tentativa de compreender como se dá a relação do homem com o mundo, com os outros homens e com a transcendência. Sob esta ocular, o autor estudado situa o existente no centro das suas reflexões, não somente como ‘existência do mundo’, mas, sobretudo, como ‘existência no mundo’, aberta para as diversas possibilidades existenciais.

Entende-se com isso que, na busca pela compreensão da existência humana, Jaspers não se restringe unicamente a uma investigação objetiva do homem e de sua relação com o mundo, mas, também, procura entender a existência humana ‘sacudida’ por sentimentos e profundas experiências existenciais. Diante disso, é possível dizer que, de certa forma, o filósofo se opõe à excessiva importância atribuída ao pensamento técnico-racional na vida humana. Ora, o conhecimento científico, ainda que universalmente reconhecido, não consegue resolver, na unanimidade de sua razão, os problemas relativos à existência em seu contínuo embate com as múltiplas possibilidades da vida. Nessa investigação o que se estabelece é um saber particular sobre objetos determinados. Jaspers, com efeito, não se preocupa em estabelecer uma verdade ‘única’ para a existência humana, mas, antes, busca uma chave de compreensão para as várias oscilações do ser-no-mundo enquanto projeto existencial.

Pode-se perceber tal posicionamento principalmente quando vincula a necessidade de estabelecer, não o conhecimento da existência, mas o ‘esclarecimento’ da existência possível. Nesse caminho, pontua a importância de ‘esclarecer’, ‘iluminar’ os aspectos existenciais da vida humana, sem, com isso, reduzi-la a conceitos e determinações universais. Segundo ele, somente nesse nível aplica-se o apelo que deve afetar a existência possível.

Observamos também que é no ato de decisão existencial, que se caracteriza pela abertura e sinceridade frente a si mesmo e as suas limitações, que o existente penetra conscientemente na ‘ilimitada’ possibilidade de posicionar-se frente à transcendência. Isso pontua um aspecto determinante do pensamento jasperiano: a consciência do próprio fracasso impulsiona o existente a superar a si mesmo e, assim, o processo de orientação no mundo.

Percebe-se com isso que, ao definir o homem como contínua superação, Jaspers

mostra-se coerente ao afirmar que o existente se ‘impulsiona’ ou ‘projeta-se’ para a transcendência. Isso porque, no instante em que se supera enquanto *Dasein*, ultrapassa também a orientação no mundo, que é condição fundamental para o ‘ocorrer’ da transcendência. Diante disso, pode-se entrever que a atualização da transcendência se dá na medida em que o existente deixa de identificar-se com o mundo ou como *do* mundo e, assim, face da precariedade da vida, e passa a identificar-se com a transcendência.

Contudo, importa salientar que ao mesmo tempo em que afirma a possibilidade de relação entre o homem e a transcendência, pontua, por outro lado, que isso se efetiva unicamente a partir de sinais cifrados. Ou seja, não temos nenhuma revelação da transcendência, mas tão-somente ‘sinais enigmáticos’ que precisam, necessariamente, ser decifrados pelo existente para se realizar uma possível ‘vivência’ da transcendência.

Daí a importância de não confundir esses ‘sinais cifrados’ com a transcendência. Ora, não é propriamente a transcendência que se revela como cifra, mas, antes, são as cifras que se tornam linguagem da transcendência. Isso evidencia, por sua vez, que Jaspers utiliza-se das cifras para mostrar também a impossibilidade de se comunicar, em sentido categorial, com a transcendência. Segundo ele, o existente pode decodificar as suas cifras imprecisas, mas não pode conhecer, efetivamente, a transcendência. Esta, por sua vez, permanecerá sempre no horizonte do imperscrutável.

É, pois, nesse sentido que Jaspers destaca a importância e o papel significativo da fé filosófica. Percebemos que a fé filosófica encontra expressão como ‘convicção’ ou ‘confiança’ de que mesmo no horizonte do mistério, do indeterminado, é possível realizar uma experiência da transcendência.

Diante disso, é possível afirmar que a fé filosófica se apresenta contrastante à pretensão de exclusividade da fé revelada. Ora, diferentemente da fé numa ‘revelação’, num anúncio proclamado por um ‘outro’, a fé filosófica não se vale de nenhum estatuto comunitário, de nenhuma autoridade, de nenhum livro sagrado ou revelado e nenhuma instituição. Não dispõe, portanto, de qualquer meio de coação. Ao mesmo tempo, encontra-se ao alcance de todos os homens, mas só se efetiva numa relação livre. Isso porque, nesse horizonte o que se estabelece é um mundo de cifras e não de realidades objetivas; linguagem imprecisa da transcendência e não ação “real” (concreta) de Deus; interpretação de um possível sentido e não objeto de obediência.

Tal desdobramento permite, por sua vez, compreender a crítica que Jaspers tece sobre a idéia da divindade de Jesus. Entendemos que negar a existência de Jesus enquanto o enviado de Deus a terra não significa se pronunciar contra a existência de Deus, mas contra a

pretensão humana de representar a Deus. Nesse sentido, é possível afirmar que Jaspers aceita a existência de Deus, mas somente no horizonte da indeterminação e da impossibilidade de uma revelação. Por isso mesmo deve ser chamado de 'Deus-cifra'.

Percebe-se, com isso, que a sua intenção é recuperar, no horizonte das cifras, a vasta gama de possibilidades existenciais de se relacionar com a transcendência. Entendemos que é sob esse pilar que constrói sua filosofia da transcendência de modo seqüencial à sua filosofia da existência. Pode-se dizer que o ponto chave de sua filosofia da transcendência é, pois, a possibilidade de se pensar a experiência da transcendência como um fator dinâmico da vida.

Nesse horizonte, conclui-se que o filósofo busca articular como se dá a relação entre a existência e a transcendência, mas deixando espaço para aquilo que ultrapassa os limites impostos pela investigação objetiva. Isso porque, efetivamente, pode-se pensar, falar e escrever sobre a transcendência, mas somente a experiência mesma das cifras poderá desvendar o seu significado. Em resumo: o nosso autor não busca reduzir a transcendência a um sistema filosófico, mas, antes, procura delimitar o âmbito em que a investigação filosófica pode revelar-se esclarecedora.

## REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. *Introdução ao existencialismo*. Lisboa: Editorial Minotauro, s.d.
- ANTUNES, M. *Grandes Contemporâneos*. Lisboa: Editorial Verbo, 1973, p. 150.
- ARIZPE, Paula. La verdad comunicativa como reto creativo em Karl Jaspers. *Tópicos: Revista de Filosofia*, n.16, p.147-161, 1999.
- BLUMENBERG, H. *Naufrágio com espectador: Paradigma de uma metáfora da existência*. Lisboa: Vega, 1990.
- BOCHENSKI, J.M. *La Filosofía Actual*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, s.d.
- BOCHENSKI, I. M. *A filosofia contemporânea ocidental*. São Paulo: Herder, 1968
- CARVALHO, J.M. *Filosofia e psicologia, o pensamento fenomenológico existencial de Karl Jaspers*. 1. ed. Lisboa: Imprensa Nacional, 2006. v.1. 265 p.
- \_\_\_\_\_. Jaspers: ciência e filosofia. *Anais de Filosofia*. n.6, p. 73-87, 1999.
- \_\_\_\_\_. Fenomenologia, existencialismo e psicopatologia. In *Fenomenologia e Psicologia*. Lisboa: ISPA, 1993.
- DUFRENNE, M; RICOEUR, P. *Karl Jaspers et la philosophie de l' existence*, Paris: Éditions du Seuil, 1947.
- DUYCKAERTS, F. La liberté existentielle chez Jaspers, in *Morale chrétienne et requête contemporaines*. Paris: Casterman, 1964.
- FRAGARA, J. Karl Jaspers. *Logos: Enciclopédia luso-Brasileira de Filosofia*. v.3. Lisboa: Verbo, p.29-37.
- GIORDANI, Mario Curtis. Jaspers, o filósofo da transcendência indefinível. *Revista vozes*, n. 6, p. 413- 427, 1962.
- GILES, Thomas Ransom. *História do existencialismo e da fenomenologia*. São Paulo: EDUSP, 1975.
- HERSCH, Jeanne. *Karl Jaspers*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982, p.9.
- HERDEU Y BOHIGAS, J. *Transcendencia y revelación de Dios. Metafísica de las "cifras" según Karl Jaspers, metafísica del testimonio según Jean Nabert*. Barcelona: Ed. de la Facultat de Teologia, 1983.
- HORN, Hermann. Karl Jaspers. *Perspectivas: revista trimestral de educación comparada*, n.3-4, p.769-788, 2001.
- JASPERS, Karl. *A situação espiritual de nosso tempo*. Lisboa: Moraes Editores, 1968.



- \_\_\_\_\_. Balance y perspectiva: discursos y ensayos. In: *Mi camino a la filosofía*. Madrid: Revista de Occidente, 1953.
- \_\_\_\_\_. *Cifras de la transcendencia*. Madrid: Alianza Editorial, 1970.
- \_\_\_\_\_. *Filosofía de la existencia*. Madrid: Aguilar, 1961.
- \_\_\_\_\_. *Filosofía: desde el punto de vista de la existencia*. México: Fondo de Cultura Económica, 1957.
- \_\_\_\_\_. *Iniciação Filosófica*. Lisboa: Guimarães Editores, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Introdução ao pensamento filosófico*. 9.ed. São Paulo: Cultrix, 1983.
- \_\_\_\_\_. *La fe filosófica ante la revelación*. Madrid: Editorial Gredos, 1968.
- \_\_\_\_\_. *La fe filosófica*. Buenos Aires: Editorial Losada, 1953.
- \_\_\_\_\_. Los grandes filósofos. In: *Los hombres decisivos: Sócrates, Buda, Confúcio, Jesús*. Tradução de Pablo Sómon. 2º ed. vol 1. 1957.
- \_\_\_\_\_. *Psicología de las concepciones del mundo*. Madrid: Editorial Gredos, 1967.
- \_\_\_\_\_. *Psicopatologia geral*. Rio de Janeiro: Atheneu, 1979.
- \_\_\_\_\_. *Razon y existencia: cinco lecciones*. Buenos Aires: Editora Nova, 1959.
- JOLIVET, R. *As doutrinas existencialistas*. 4 ed. Porto: Livraria Tavares Martins, 1979.
- KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura*. Petrópolis: Editora Vozes, 2005. (Textos seletos).
- KIERKEGAARD, Sören. *Diário de um sedutor: Temor e tremor: O desespero humano*. 3 ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988 p. 279. (Os pensadores).
- KLIMKE, Federico e Colomer. *Historia de la Filosofía*. Terceira edição revisada e ampliada. Editorial Labor, 1961, p.816. Tradução nossa.
- MARCEL, G. Situation fondamentale et situation limites chez Karl Jaspers. *Recherches philosophiques*, 1932.
- MUGO, J. *El Dios de Jaspers*. Madrid: Ed. Razón y fé, 1966.
- NUNES, Benedito. *A filosofia contemporânea*. São Paulo: Ática, 1991.
- PAREYSON, Luigi. *Karl Jaspers*. 2.ed. Genova: Marietti, 1997.
- PENZO, Giorgio. O divino como liberdade absoluta. In: PENZO, G.; GIBELLINI, R. (org). *Deus na filosofia do século XX*. São Paulo: edições Loyola, 1998. p. 239-251.
- PERDIGÃO, Antônia Cristina. A filosofia existencial de Karl Jaspers. *Análise Psicológica*. vol. 19, n. 4, out. 2001, p. 542 – 552. ISSN 0870-8231.
- PRESSAS, M. A. La fé filosófica de Jaspers frente a la fé revelada. *Revista de filosofía*. Univ. Nación de la Plata, 1966, p. 35-45.
- PUNTEL, L. Filosofia e religião em Karl Jaspers. *VERBVM*, tomo XVII, p. 33-42, 1960.
- QUEIRUGA, André Torres. Karl Jaspers: La fé filosófica frente a la ciência y a la religión. In

- Filosofía de la religión: Estudios y textos*. Colección Paradigmas. Madrid: Editorial Trotta, 1994, p.471.
- RASO, Hélio Ângelo. *O existencialismo, uma filosofia do homem concreto*. Belo Horizonte: Editora o lutador, 1971.
- RABUSKE, Edvino Eloisio. Karl Jaspers: filosofia da existência e ciências. *Cadernos da FAFIMC*, n.19, p.27-28, jan./jul; 1998.
- SALAMUM, Kurt. *Karl Jaspers*. Barcelona: Editorial Herder, 1987.
- SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo*. Lisboa: Editorial Presença, 1946, p. 23-24.
- SCHILPP, Paul Arthur. *The Philosophy of Karl Jaspers*. New York: Tudor publishing company, 1957.
- SEVERINI, Luigi. *Existencialismo*. Barcelona: Editorial Herder, 1961.
- STEGMÜLLER, Wolfgang. *A filosofia contemporânea*. São Paulo: EPU, 1997.
- TILLIETTE, Xavier. *Karl Jaspers: Théorie de la vérité, métaphysique des chiffres, foi philosophique*. Paris: AUBIER, 1959.
- TONQUÉDEC, Joseph. *L'Existence d'après Karl Jaspers*. Paris: Beauchesne et ses Fils, s.d.
- VARGAS, R. *Karl Jaspers en el dialogo de la fé*. Madrid: Gredos, 1971.